

# *Arjos*

## ASSASSINADOS



MANOEL FERREIRA LIRA



Editora  
Performance

© COPYRIGHT 2024 BY EDITORA PERFORMANCE

Diretora Editorial: Carla Emanuele Messias de Farias

Diagramação: Daniella Moreno

Capa: Daniella Moreno



Esta obra é licenciada sob uma Licença Creative Commons Attribution-Share-Alike4.0 Brasil.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de Novembro de 1998.

### FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

**L768A**

LIRA, Manoel Ferreira. (Autor).

ANJOS ASSASSINADOS.. 1a Edição. Editora Performance. Arapiraca. 2023.  
Formato: 15x21. Papel: Pólen 80g.

p.88

ISBN: 978-65-5366-232-2



1. Anjos 2. Assassinados 3. História 4. Memória 5. Relato 6. Literatura

I. Título.

CDD 863

---

Índices para catálogo sistemático:  
863 – Crônicas

*Tejós*  
**ASSASSINADOS**

MANOEL FERREIRA LIRA



# *Dedicatória*

À Ana, esposa, filhos William Wagner, Andréa Karlla, Ana Karlla, e aos netos Maylla, Igor, Malu e Manoel, a motivação maior pela persistência nesta vida.







# Apresentação

**A** história moderna de Craíbas, município encravado no interior de Alagoas, na região de transformação do agreste para o sertão, se confunde com a vida de Almir Rocha, contabilista, que dedicou parte de sua juventude na batalha para transformar aquela área de terra em município.

Conheci o Almir quando fizemos parte de uma tentativa de levar informação e comunicação a Arapiraca, através do semanário **JORNAL DO AGRESTE**. Eu, como editor; ele, como diretor da Gráfica Arapiraca (cujos proprietários eram José Leão de Melo – o Nascimento Leão, que veio a ser deputado estadual, Édson Holanda Moreira- contador e advogado, e José Pereira Lúcio – ex-deputado federal). Convivemos diariamente por mais ou menos dois anos.

Em 1982, como assessor técnico da mesa diretora da Assembléia Legislativa de Alagoas, voltei a ter contato com Almir, que lutava arduamente para transformar sua terra em um novo município alagoano. A luta foi vitoriosa, e o projeto de lei oriundo do deputado Emílio Silva, foi sancionado pelo governador Teobaldo Barbosa, transformado na Lei no. 4.335/1982. Hoje, Craíbas é um próspero município de Alagoas.

Durante todo o tempo convivendo com José Almir Rocha dos Santos nunca houve quaisquer dissertações acerca da violência ocorrida nos primórdios de Craíbas, conhecida que era como Carahybas nos Nunes. Ou, como poucos

que souberam do fato, chamaram o fato como *fratricídio craibense*. Meu conhecimento do fato deu-se por acaso. Daí, surgiram pesquisas no Arquivo Público de Alagoas, no livro do médico Agatângelo Vasconcelos (**Fratricídio em Carahybas**), no primeiro Cartório de Registro de Limoeiro de Anadia, na história de Arapiraca.

Sem querer ser historiador, as mortes, em pouco espaço de tempo, de 14 crianças de uma mesma família (os primeiros que assentaram aquela terra de Craíbas) aguçou mais que a curiosidade de um vizinho de nascimento (Feira Grande, Alagoas). E isto me levou a contar a história de alguns pernambucanos oriundos do Sítio dos Nunes (Flores, Pernambuco), e que chegaram ao novo estado de Alagoas (sua independência deu-se em 1817), pelas portas de Carahybas, à procura de melhorias para suas vidas sofridas.

As participações do governador de Alagoas, Euclides Vieira Malta, de seu irmão (que era secretário do Interior) Joaquim Paulo Vieira Malta, do já carismático padre Cícero Romão Batista (de Juazeiro do Norte, Ceará), do padre Pedro Vital da Silva (pároco de Limoeiro de Anadia), do juiz substituto de Limoeiro, Antônio Barbosa da Silva, e do cabo Laudelino Barbosa, delegado de Traipú (município alagoano) a quem pertencia o sítio Carahybas dos Nunes, empolgaram-me.

Realidade ou ficção? Fatos históricos ou estórias inverossímeis? Ou, simplesmente, a origem de Craíbas, que já foi Carahybas, ou Craíbas dos Nunes? A seguir, a história dos anjos assassinados.

# Prólogo



## O INÍCIO EM CARAHYBAS ... DOS NUNES

**A** chegada dos Nunes na região de Carahybas deu-se em meados de 1860, ou, como muitos querem ser mais precisos, em 1865, quando Manoel Nunes da Silva Santos, fugindo da inclemente seca que assolava o sertão pernambucano, reuniu a família (a mulher, Josefa Teixeira da Silva, e os filhos Antônio Nunes da Silva, casado com Maria José da Conceição, Joana Nunes da Silva, casada com Pedro Gama da Silva, Francisca Nunes da Silva, casada com Roberto José dos Santos, Apolônia Nunes da Silva, casada com Roberto da Ressurreição da Silva, João Nunes da Silva, casado com Maria Francisca da Conceição, José Nunes da Silva, casado com Maria Tereza Nunes da Silva, Pedro Nunes da Silva, casado com Maria Madalena da Silva, Ana Maria da Silva, casada com Antônio Tomás da Silva, e Josefa Nunes da Silva, casada com Felipe José dos Santos) e vieram morar e trabalhar em Alagoas (\*). A Josefa, até hoje ninguém sabe explicar, também era conhecida como Clara Maria da Conceição. Quais os motivos para usar dois nomes? Não se sabe. Aqui, sempre será Clara.

O velho patriarca, com seus nove filhos, genros, noras e netos, adquiriu as vastas terras de Felipe Nogueira Lima por 50 mil contos de réis. Deslocando-se para Alagoas, passaram a trabalhar as pobres terras sol a pino, dia após dia. Era fins do século XVII. A posse e o domínio de

Carahybas por parte do pernambucano de Flores deu-se até 1892, quando, morrendo sua esposa, Manoel Nunes dividiu a propriedade entre filhos e genros.

Não é de se estranhar que as terras de Carahybas foram divididas entre os filhos e os genros. As filhas ficavam à parte da herança, o que demonstra o poder patriarcal vigente à época. Desta forma, Felipe José dos Santos, que era casado com Clara Maria da Conceição e uma das figuras importantes desta história, herda terras em Craíbas, constrói sua casa e trabalha a terra.

Craíbas, ou Carahybas, palavra de origem tupi, tem o nome ligado a uma árvore do ramo das *bignoniáceas*, muito comum na região. As terras que deram origem ao atual município de Craíbas estão situadas na mesorregião do agreste alagoano, fazendo limite com os municípios de Igaci, Arapiraca, Jaramataia, Major Isidoro, Girau do Ponciano e Lagoa da Canoa. Faz parte da microrregião de Arapiraca<sup>1</sup>.

Hoje, sua população vive basicamente da cultura voltada para o plantio de tabaco (fumo); também é muito forte o plantio de milho, algodão e feijão

Nos últimos anos o município vem sendo conhecido pela exploração de minérios devido terem sido detectadas diversas áreas ricas em minério. A empresa *Vale Verde*, subsidiária da canadense *Aura Minerals*, é que vem explorando a região. A chegada da empresa vem gerando empregos e mais desenvolvimento para a cidade. Também está prevista a construção de uma ferrovia para deslocar o minério encontrado.

---

<sup>1</sup>No livro TERRA DAS ALAGOAS (p. 94), editado em Roma, em 1922, de autoria de Adalberto Marroquim, Diegues Júnior, Manoel Moreira e Silva e Jayme de Altavila, as terras de Craíbas fazem parte do município de Limoeiro, que se tornou independente de Anadia em 1865. São terras irregulares, sem mata virgem, entretanto, com vegetação frondosa e exuberante onde abundam o cedro, o pitimibú, o ipê (pau d'arco) e outras madeiras preciosas. Há falta d'água. Clima quente e seco no verão e muito agradável na estação das chuvas.

Na época dos acontecimentos que aqui se contam, Craibas pertencia ao município de Traipu (assim se manifesta o governador Euclides Vieira Malta, em sua Mensagem ao Congresso Alagoano, em 21 de abril de 1903)..

(\*\*) *Tabebuia caraiba* (família *bignoniaceae*), conhecida popularmente como craibeira, caraiba. paratudo-do-campo, cabobeira, craiba, ipe-amarelo-do-cerrado, pode atingir até 20 metros quando em boas condições de solo e umidade.

Possui casca grossa e tronco tortuoso, folhas opostas, longo-pecioladas. Sua folha é grande e aromática. Sua madeira é usada nas carpintarias, como viga de casa, esquadria, móveis etc.



Em 29/4/1985, através do decreto 6.239, o governador Divaldo Suruagy transformou a *craibeira* a árvore símbolo de Alagoas, pois sua *“frequência nas diversas regiões fisiográficas do estado, com largo significado popular e econômico para suas populações, e, sua grande utilidade para os habitantes das regiões ribeirinhas do São Francisco e de todas as lagoas, e considerando a existência que sugere aos estados sua árvore símbolo”*,

resolveu transformar a *Tabebuia caraiba* como sua árvore símbolo.

# O ciúme de Clara

**D**oente, ciumenta do marido, cheia de filhos, Clara acreditava que ia morrer logo. Era obcecada pela morte, que, pouco depois, veio célebre. Junto com Felipe, seu marido, tiveram os filhos Antônia, Rosa, Isabel, Joana, Josepha, Thomazia, Cecília, Manoel, Maria da Conceição e Maria Angélica. Depois de tantos filhos, dez, Clara acreditava que seu marido andava se enraichando com outras mulheres da região, mesmo sabendo que havia poucas no lugar onde viviam. Mas o ciúme a consumia diariamente.

Morando a poucos passos da casa de farinha dos Nunes, Clara, como suas outras irmãs e cunhadas, diariamente, menos aos domingos, ia raspar mandioca. Conversa vai, conversa vem, dizia sempre que mulheres que aceitavam o galanteio de homens casados logo, logo se prostituíam.

Na casa de farinha<sup>2</sup>, um galpão cujas tesouras, linhas, caibros, longarinas e pernas-mancas, eram feitas de madeira tosca, sem descascar e coberto com palha de ouricuri, elas botavam conversa fora. O assoalho era de chão batido, sujo. Ali, através dos diversos apetrechos, fazia-se farinha, também conhecida como farinha-d'água, a manipueira.

---

<sup>2</sup> Equipamentos de uma casa de farinha: **caçuá**: grande cesto de vime ou de cipó, geralmente em pares, sem tampa e com alças, que são presos às cangalhas para transportar a mandioca da plantação até a casa de farinha; **cangalha ou cambito**: anteparo de madeira usado no lombo de animais de carga para fixar os caçuás; **caititu**: a peça principal dos aparelhos de ralar mandioca. Trata-se de um cilindro de madeira com eixo metálico com pequenas dentes ao qual se adaptam serrilhas também metálicas e que tem uma das extremidades em forma de roldana onde se encaixa a correia, para, através dela, se imprimir rápido movimento de rotação, acionada manualmente; **cocho**: pedaço de madeira cavada como uma canoa, usado para guardar raízes descascadas, para esmagar a massa antes de passá-la pela prensagem, para guardar a massa ralada e para colocar a farinha torrada; **paneiro**: cesto de vime ou de cipó usados para guardar a massa ralada; **pilão**: tipo de cuia grande de madeira onde se coloca a mandioca para ser socada até completar o processo de ralação; **prensa**: utilizadas para separar o líquido (manipueira) da massa.

A casca era jogada fora. Era ali que se reuniam as pessoas da família; os homens, responsáveis pelo processo de arrancar a mandioca da roça e transportá-la para a casa de farinha; as mulheres e as crianças maiores raspam os tubérculos e extraem o amido.

Ali era uma verdadeira reunião da família; mulheres de um lado; homens, do outro. Mas, dava para ouvir as conversas de um lado ou de outro.

Felipe não aceitava as conversas de sua mulher.

- Ah, mulher, deixa disso! Você não tem nada com a vida dos outros. Sossega, dizia sempre.

Mas, Clara era inquieta, além de demonstrar o ciúme que lhe corroía por todas as entranhas.

- Prefiro morrer, a saber que meu marido anda com outra, exclamava Clara.

O ciúme e a intolerância de Clara era tanta que, todos os dias, antes de se deitar, ajoelhava-se e rezava muito. Entre as rezas, pedia sempre:

- Meu Deus, meu Deus! não deixe que eu morra antes de meus filhos. Esse mundo é muito ruim para deixá-los aqui, sozinhos. Atenda-me, Senhor!

As preces e o pedido de Clara, algum tempo depois, tiveram eco.

Há, porém, quem diga que a história não é bem essa. Que Felipe, esse sim, era um marido brabo, mulherengo, que maltratava sempre sua mulher, tratando-a como uma escrava. Mesmo que não bebesse, só pitava cigarro de fumo de corda enrolado na palha de milho, ele se portava com muita rigidez, maltratando sempre a Clara. Por isso mesmo é que sua mulher pedia sempre a Deus para morrer, depois dos filhos.

Um dia, acamada e na presença de duas irmãs, Clara repetiu:

- Sei que vou morrer logo, mas, Deus, me conceda a graça de só ir para seu lado depois que forem meus filhos. Esse mundo é muito ruim para eles aqui ficarem! Conceda esta graça, meu Senhor!

Numa dessas preces, atrás da porta, calada, com os olhos arregalados, a filha Antônia, que tinha quase 15 anos e era a mais velha, ouviu o clamor da mãe.



# Anjos assassinados

## A HISTÓRIA

**E**la tinha tão somente dois anos de idade. Caminhava tropeçadamente, agarrando-se às paredes ou objetos para não cair. Muitas vezes, engatinhava, pois era mais fácil se deslocar com pés e mãos no chão da casa de taipa de seus pais. As palavras, papá e mamã, foram as primeiras. Tudo começou em janeiro e terminou em abril do ano da graça de 1902.

Cecília, primeiro anjo a morrer, uma entre quatorze, com dois anos, era a penúltima filha de Felipe José dos Santos e Clara Maria da Conceição. Ele, como já dito, genro de Manoel Nunes da Silva Santos, e também natural do Sítio dos Nunes, município de Flores, em Pernambuco.

Os outros anjos foram:

Manoel (da Conceição), com cinco anos, mal balbuciava as primeiras palavras. Raquítico, sofria de asma, puxando muito pelo ar do peito, tinha cabelos encaracolados. Foi o segundo a morrer, três dias após Cecília.

Maria (da Conceição), tinha três anos quando e morreu três dias após Manoel.

Thomázia Maria (da Conceição), era um pouco mais velha que os primeiros a morrer. Tinha oito anos quando apareceu morta.

Maria Angélica, morreu três dias depois de Thomázia. Tinha apenas três meses de idade.

Antônia (Maria Nunes), filha de Antônio Raymundo e Maria Antônia. Prima das cinco primeiras, tinha três meses de idade, quando morreu, três dias após Maria Angélica.

Josepha (Maria da Conceição), com nove anos, morreu um dia após Antônia.

Joana Maria (da Conceição), com dez anos, morreu um dia após Josepha no mesmo local onde morreu Thomázia.

Rozendo (Nunes), com sete meses, apareceu morto na própria casa dos pais. Era irmão de Maria.

Izabel (Maria da Conceição), com 12 anos, morreu no mesmo quarto onde dormia com as irmãs e oito dias após a morte de Rozendo.

José Joana (Nunes da Silva), dois anos, filho de Manoel Nunes e Maria Thereza da Conceição. Primo das outras crianças, apareceu morto oito dias após Rozendo e logo depois da chegada de seu tio, Felipe, vindo de Juazeiro do Ceará, onde foi visitar parentes.

Joana (Nunes da Conceição), com três anos, era irmã de José e morreu no mesmo dia daquele.

Antônia (Maria da Silva), com quatro anos de idade, era filha de João Nunes da Silva e Maria Francisca. Morreu oito dias após José.

Pedro (Nunes da Silva), irmão de Antônia, com cinco anos, morreu no mesmo dia que esta, no mesmo momento que o corpo estava sendo levado para o cemitério local.

Mas, que motivos, ou mesmo, quais as causas das mortes de tantas crianças?

Para Clara, sem dúvida, estavam mais que claras as mortes repentinas dos anjinhos. Havia sido seu pedido ao bom Deus. E ela repetiu para sí:

- *Que o Senhor, meu bom Deus, não me leve deste mundo sem que antes leve meus filhinhos. Pois este mundo é muito perigoso para deixá-los sozinhos.*

Ora, as mortes de outras crianças, juntas com as de Clara, não despertaram nela quaisquer outros pensamentos. Estava fixada na ideia original. E, por isso mesmo, grata a Deus.

# Aprece



**A**s inúmeras mortes, contudo, levaram as mulheres de Carahybas a especular: morte morrida ou morte matada? Elas ainda não sabiam da promessa. Morte morrida. Mas, de quê? Quando todas souberam da promessa, muitas acreditaram que o pedido de Clara foi atendido. Aliás, mais que atendido, pois além de seus filhos Deus estava levando os priminhos e priminhas também. E que Deus agiu por intermédio do vento (vinha uma doença através do vento, que ninguém sabe qual, que atacava as criancinhas).

Uma maneira de tentar acabar com tanta morte era rezar. Mas, a quem? Pelo sim, pelo não, chegaram a conclusão: para São Sebastião, soldado de Cristo e a quem se socorriam os devotos para impedir pragas e guerras. A ele, portanto, as mulheres de Carahybas se socorreram, rezando a oração:

*“Glorioso mártir São Sebastião, soldado de Cristo  
“e exemplo de cristão, hoje vimos pedir  
“a vossa intercessão junto ao trono do Senhor Jesus,  
“nosso Salvador, por Quem destes a vida.  
“Vós que vivestes a fé e perseverastes até o fim,  
“pedi a Jesus por nós para que sejamos  
“Testemunhas do amor de Deus.  
“Vós que esperastes com firmeza nas palavras de Jesus,  
“pedi-Lhe por nós, para que aumente*

*“a nossa esperança na ressurreição.  
“Vós que vivestes a caridade para com os irmãos,  
“pedi a Jesus para que aumente o nosso amor para com  
todos.  
“Enfim, glorioso mártir São Sebastião,  
“protegei-nos contra a peste,  
“a fome e a guerra; defendei as nossas plantações  
“e os nossos rebanhos, que são dons de Deus para o nosso  
bem  
“e para o bem de todos.  
“E defendei-nos do pecado, que é o maior de todos os ma-  
les.  
“Assim seja”.*

Após a oração a São Sebastião, todas rezavam tam-  
bém o Pai Nosso, a Ave Maria, o Credo e a Salve Rainha.

Elas acreditavam que com o fervor das rezas, o Deus  
Todo Poderoso iria, sem falta, atendê-las.

# Epidemia



**O**s habitantes de Craíbas, quase todos, relutavam em aceitar as mortes como elas se apresentavam. Doença? Mortes morridas? Epidemia? As mulheres mais chegadas a Clara, suas irmãs e primas, estavam mais propensas em aceitar a versão, de que suas preces foram aceitas pelo Bom Pai Todo Poderoso. Nunca, de modo algum, pensavam em mortes matadas.

Fora, na sede do distrito, em Arapiraca, porém, a versão mais aceita – porque corria mundo a notícia das mortes das crianças - era de que uma epidemia havia infestado o povoado de Craíbas, atacando, primordialmente, as crianças. Aliás, já havia notícia de que um surto de peste se alastrava pelo nordeste brasileiro, vindo de portos da Bahia (Salvador) e do Pará (Belém). Pelas bandas daqui de Alagoas, Penedo, São Braz, Porto Real do Colégio, e Propriá (antigo Urubu Velho), Passagem (hoje Neópolis), pelo lado de Sergipe, todos margem do Rio São Francisco, já tinham presenciado mortes advindas de “um vento” desconhecido.

As primeiras notícias acerca das mortes em Craíbas, espalhadas por toda Maceió, saíram publicadas no jornal **A TRIBUNA** de 19 de março de 1902. E tiveram como contador desta “estória” fantástica o arapiraquense José Gomes Correia, comerciante e pessoa conceituada entre seus habitantes. Textualmente, saiu no jornal: *“Recebemos hontem, datada de 14 do corrente, uma carta do sr. José Gomes Correia, comerciante em Arapiraca, nos comunicando haverem falecido re-*

*pentidamente no sítio Carahybas, daquele districto, 9 creanças de 2 mezes a 10 annos de idade, membros de duas famílias."*

À primeira vista, o informante julga tratar-se de uma moléstia contagiosa e diz que este fato lamentável "*tem aterrorizado a população da localidade, por parecer que o mal vae em progresso*".

Em uma outra edição o jornal **A TRIBUNA** relata que "*hoje por confirmação fidedigna podemos adiantar que faleceram mais três creanças das familias,... e que "o mal, que tem alarmado bastante os habitantes daquelas paragens, victima repentinamente e não apresenta symptomas de moléstia conhecida no logar"*.

Outros órgãos da imprensa, como **GUTENBERG** (edição de 09 de abril de 1904, página 1): "*Em nossa edição de 4 do corrente noticiamos que em Arapiraca, disctrito de Anadia, dera-se em condições mysteriosas a morte de doze creanças de 2 mezes a 10 anos de idade, em pouco menos de dois mezes, factu extraordinário que alarmou todo o lugarejo onde o caso se deu.*

*"Ao começo receiava-se que moléstia desconhecida victimasse as creanças e no sentido de providenciar pedira informações o sr. governador do Estado."*

Epidemia ou não? Que coisa misteriosa acontecia em Craíbas com as mortes de tantas crianças? Talvez a continuação, pelo interior de Alagoas, da epidemia advinda da Bahia.

# A confissão



**D**epois de tantas mortes, Clara arrepiou-se. Aliás, passou a viver arrepiada. Começou a sentir um arrependimento, pequeno arrependimento. E pensava: *“será que Deus ouviu minhas preces e começou a levar os anjinhos, meus filhinhos e seus primos?”* Arrependimento de seus anjinhos mortos, dos anjinhos de seu irmão João Nunes, os anjinhos de Manoel Nunes, os anjinhos de Antônio Raimundo. Que fazer, então? Confessar a Deus era o mais certo. E pedir o perdão de todos os pecados cometidos, por si e por todos. Mas, confessar que os anjinhos estavam morrendo porque ela pediu a Deus?

Uma ideia, então, surgiu-lhe: ir até a capela do Brejo dos Sulinos (Brejo dos Teófilos), perto de Canabrava, lá longe, confessar todos os pecados ao padre e pedir sua absolvição. Somente assim acreditava ser salva da promessa.

Ali no brejo, quem atendia os fiéis era o padre Pedro Vital da Silva<sup>3</sup>, vigário da freguesia de Limoeiro de Anadia e que era filho do antigo dono do lugar.

Um dia, Clara chamou seu marido Felipe e disse:

---

<sup>3</sup> **Padre Pedro Vital da Silva** foi pároco de Limoeiro de Anadia de 1854/1904. Fundou a capela do Brejo do capitão Sulino (Brejo dos Teófilos), em homenagem a Nossa Senhora da Conceição, que foi construída sobre o túmulo de seu pai, morto em 1855, e dono das terras. Herdou de seu pai alguns escravos, um grande escravista, como era costume na época. Foi senhor de 13 escravos, como está em seu testamento no Cartório do Único Ofício de Limoeiro, datado de 29 de novembro de 1869. Disse ele: *“Declaro que tenho 13 escravos de nomes Custódio, Urbano, Lindolfo, Balbino, Izabel, Antônio Vicência, Idalina. Que gozarão de suas plenas liberdades como se de ventre livre tivessem nascidos. O que faço não só por fazer essa obra pia e de caridade como porque os criei como meus filhos.”* O padre Pedro Vital da Silva, seguiu também a Carta Pastoral da Diocese de Olinda, escrita pelo bispo Dom José Pereira da Silva Barros, que pedia ao clero que libertasse seus escravos. E, assim, libertou sua escrava Anastácia. Isto foi um pouquinho antes da libertação dos escravos de 13 de maio de 1888, pela princesa Isabel.

-Vamos ao Brejo do Sulino. Eu quero me confessar, eu preciso me confessar. O padre de lá reza missa toda última sexta-feira do mês, vai dar tempo.

Felipe olhou para Clara, enrugou a testa, mas concordou. Não sem antes matutar: *“que é que Clara quer se confessando. Ela nunca foi de ir muito a igreja. Que deu nela? É, deixa prá lá!”*

Ele, assim, concordou com a ida ao Brejo do Sulino.

Clara, então, passou a se preparar para a viagem em carro de bois. Era uma longa e demorada viagem, poeira e buracos, por mais de 30 quilômetros. Arrumou o vestido de chita de bolinhas, sandália de tranças, sombrinha e bernal. Na arrumação, Clara levou mais de um dia. A todos da família que perguntavam, respondia que iria deixar seus pecados na igreja do Brejo do Sulino.

Numa quarta-feira de manhazinha, o sol ainda estava nascendo quando saíram Clara e Felipe para o Brejo do capitão Sulino confessar e assistir missa. Na viagem, passaram pelas terras que depois se chamariam Itapicuru, de Fazenda Velha; pelos Veados; pela Baixa Grande, pelo centro do povoado Arapiraca; cruzaram o riacho Piauí, o sítio Mocó, e foram em direção ao rio Poções (rio Coruripe). Logo depois, estava a localidade do Brejo, também e como todas as outras, pertencente ao município de Limoeiro de Anadia. Era o Brejo do capitão Sulino Barbosa da Silva, hoje conhecido como Brejo dos Teófilos<sup>4</sup>.

Ali, na quinta-feira à noite, se arrancharam perto da capela, para, no outro dia, irem à confissão e à missa. Aliás, irem não. Somente Clara ia se confessar. A missa, esta sim, seria assistida pelo dois, Felipe e Clara.

<sup>4</sup> **Brejo dos Teófilos**, onde se situa a fazenda Brejo, e nasceu um dos maiores educadores de Alagoas, José Moacir Teófilo, que foi diretor por inúmeros anos do Ginásio (depois Colégio) Nossa Senhora do Bom Conselho, em Arapiraca, e secretário de Educação de Alagoas, na gestão do governador José Tavares. O local está, hoje, situado no município de Coité do Noia.

A capela estava cheia de fiéis. Homens e mulheres, muitas trazendo seus filhos, de todo canto; de Arapiraca, de Canabrava, de moradores às margens do rio Poções. Até de Limoeiro. A fila para os fiéis se confessarem era grande, de pessoas dos dois sexos (do lado direito do padre, a fila dos homens; do lado esquerdo, a das mulheres). Nesta, Clara estava lá, também, esperando sua vez. Contrita.

Chegou a hora. Lépida, dirigiu-se ao confessor, ajoelhou-se, fez o sinal da cruz. E falou:

-“*Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, disse Clara*

-“*Ave Maria Puríssima, respondeu o padre Pedro Vital.*

-“*Sem pecado concebida. Abençoe-me padre porque pequei. Há muitos anos, uns quatro, em não me confesso. Meus pecados são muitos...*

E Clara passou a citar, como ladainha, tudo que achava ser pecado, que achava que ia contra a lei de Deus. E falava... e falava!

Aí, parou! Criou coragem e exclamou:

-“*Padre, eu pequei pior ainda, pois desejei a morte de meus filhos, que eles fossem ao encontro do Senhor antes de mim, para não deixá-los neste mundo pecador. E eles morreram, padre! Morreram eles e seus primos. Um após o outro. Primeiro morreu Cecília, depois foi Manoel. Morreu Maria, morreu Thomazia. Ainda morreu Maria Angélica, morreu Josepha, morreu Antônia. Depois, morreu Joana Maria, morreu Rozendo, morreu Izabel e morreu José Joana. Depois morreu Joana, morreu Antônia e morreu Pedro. Padre, foram 14 mortes de anginhos, todos depois que fiz o pedido a Deus para levá-los antes de mim. Mas, seu padre, a morte veio e matou não só meus filhos. Ela também matou os filhos de minhas irmãs, de meus irmãos. Ah, seu Padre, peça a Deus para*

*me perdoar. Eu estou arrependida de ver tanta desgraça na nossa família. Na minha e na de meus irmãos.*

O padre Pedro Vital não se conteve só em ouvir a confissão de Clara. Interrompeu-a:

*–“Para, minha filha, o que é que você está dizendo! Você pediu a Deus a morte das crianças antes da sua morte? Qual o motivo, filha! Pelo amor de Deus, minha filha!. Vamos rezar juntos. Pelo amor de Deus!*

E rezaram:

*–“Pai nosso, que estás nos céus!*

*“Santificado seja o teu nome. Venha a nós o teu Reino;*

*“seja feita a tua vontade,*

*“assim na terra como no céu. Dá-nos hoje o nosso*

*“pão de cada dia. Perdoa as nossas dívidas,*

*“assim como perdoamos*

*“aos nossos devedores. E não nos deixes cair*

*“em tentação,*

*“porque Teu é o Reino, o poder e a glória para sempre.*

*Amém!*

O padre Vital, depois do Pai Nosso em conjunto, disse:

*–Não há motivo que justifique você, minha filha, pedir a Deus para levar seus filhos deste mundo, antes de sua ida. Só a ele cabe decidir. Deus é misericordioso, nunca vingativo. Deus aceita pedido para salvar, nunca para matar. Olha, minha filha, sua confissão é muito importante, pois Ele está lhe ouvindo. Seu arrependimento é, também, muito importante.*

E continuou:

*–Minha filha, aceita a obra de penitência que lhe é proposta para satisfação de seus pecados e para emenda de sua vida. Manifesta seu arrependimento recitando o Ato de Contrição.*

Clara recitou:

-“*Senhor Jesus, Cordeiro de Deus  
“que tirais o pecado do mundo,  
“reconcilia-me com o Pai pela graça do Espírito Santo;  
“purifica-me de todos os meus pecados  
“e faz de mim uma mulher nova. Amém!”*”

O padre Pedro Vital, por fim, absolve Clara de todos os seus pecados, dizendo:

-*O Senhor absolveu-a de todos os seus pecados. Ide em paz, minha filha! Reza cinco Pai Nosso, com cinco Ave Maria, o Credo, uma Salve Rainha e peça perdão novamente. Ajoelhe-se aos pés do Senhor Jesus Cristo crucificado e de Nossa Senhora Mãe de Deus... e volte para sua casa, minha filha, e o Senhor a acompanhe.*

O sacerdote enxugou o rosto com um lenço, fez o sinal da cruz, e disse:

-*Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.*

Clara o acompanhou, dizendo:

-*Amém.*

Logo depois, levantou-se leve e fagueira e dirigiu-se ao altar onde estava a imagem de Nossa Senhora da Conceição. Durante alguns minutos, a mãe dos anjinhos, ajoelhada, compenetrada, com as mãos entrelaçadas, passa a movimentar os lábios. Uma vez, não, algumas vezes, viram-se lágrimas escorrendo pela sua face esquerda.

Enquanto isto, na sacristia, padre Pedro começa a se vestir para a missa. Primeiro, veste a túnica<sup>5</sup>; depois, passa a estola<sup>6</sup> sobre o pescoço. Prende-a com o cingulo<sup>7</sup>. Por fim, uma casula<sup>8</sup> verde.

5 Túnica - veste branca, comprida, usada pelos padres sobre abatina.

6 Estola - é uma faixa vertical que o padre usa sobre os ombros com duas pontas caindo para frente. Simboliza o serviço sacerdotal que o padre realiza como ministro de Cristo. Sua cor varia conforme a liturgia

7 Cingulo - veste sacerdotal, usada ao redor da cintura, para prender a túnica e a estola. O formato de cordão só surgiu a partir do século XV. Hoje, tem cerca de quatro metros com duas bordas e franjas nas pontas.

8 Casula - É o traje usado pelo sacerdote durante as ações sagradas, usada geralmente nas Missas, Domingos, solenidades e festas. É usada sobre a túnica e a estola.

O sacristão, uma criança de mais ou menos 11 anos, vestia uma camisa branca e calça curta, preta.

Tem início a missa no Brejo do capitão Sulino. Durante o ato, os fiéis, juntos, sentavam-se nas bancadas de tiras *ripá*. O padre Pedro Vital, com seus 1,60 metros, orgulhoso por rezar na pequena capela construída por ele, em terras suas e de seus parentes, ora e fala em latim. Nota-se que alguns olham respeitosamente para a figura do sacerdote, um filho da terra falando naquela língua difícil e bonita. Há orgulho no olhar de poucos.



*Capela de Nossa Senhora da Conceição, no Brejo dos Teófilo (antigo Brejo dos Sulinos), construída em 1855 pelo padre Pedro Vital da Silva e família, sobre a sepultura de seu pai. Era freguesia de Limoeiro de Anadia, hoje pertence ao município de Coité do Noia.*

*Sacerdote:*

*“In nomini Patris, et Filiiet et Spiritus Sancti. Amem.*

*“Introibo ad altare Dei.”*

*(Em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo.*

*Amem.*

*Subirei ao altar de Deus)*

E todos respondem:

*“Ad Deum qui laetificat juventutem meam.”  
(Do Deus que alegra a minha juventude)*

Sacerdote:

*“Judica me, Deus, et discerne causam meam de gente non sancta: ab homine iniquo et doloso erue me. Judica me, Deus, et discerne causam meam de gente non sancta: ab homine iniquo et doloso erue me.”*

*(Julga-me, ó Deus, e separa a minha causa dum gente não santa. Livra-me do homem iníquo e enganador)*

Todos respondem:

*“Quia tu es, Deus, fortitudo mea: quare me repulisti, et quare tristis incedo, dum affligit me inimicus?*

*(Tu que és, ó Deus, a minha fortaleza, porque me repeliste? E porque hei-de eu andar triste, enquanto me aflige o inimigo?)*

Sacerdote:

*“Emitte lucem tuam et veritatem tuam: ipsa me deduxerunt et adduxerunt in montem sanctum tuum, et in tabernacula tua.”*

*(Envia a Tua luz e a Tua verdade; estas me conduzirão e me levarão ao Teu santo monte e aos Teus tabernáculos.)*

Todos:

*“Et introibo ad altare Dei: ad Deum qui lætificat juventutem meam.”*

***(E aproximar-me-ei do altar de Deus, do Deus que alegra a minha mocidade.)***

Sacerdote:

*“Confitebor tibi in cithara Deus, Deus meus: quare tristis es anima mea, et quare conturbas me?”*

***(Ó Deus, Deus meu, eu Te louvarei com a cítara. Por que estás triste, minha alma? E por que me inquietas?)***

Todos:

*“Spera in Deo, quoniam adhuc confitebor illi: salutare vultus mei, et Deus meus”*

***(Espera em Deus, porque eu ainda O hei-de louvar, a Ele que é a minha salvação e o meu Deus.)***

Sacerdote:

*“Gloria Patri, et Filio, et Spiritui Sancto”*

***(Glória ao Pai, e ao Filho, e ao Espírito Santo)***

Todos:

*“Sicut erat in principio, et nunc, et semper: et in sæcula sæculorum. Amen”.*

***(Assim como era no princípio, seja agora e sempre, e por todos os séculos dos séculos. Amém.)***

Sacerdote:

*“Introibo ad altare Dei”*

***(Subirei ao Altar de Deus.)***

Todos:

*“Ad Deum qui lætificat juventutem meam.”*  
**(Do Deus que alegra a minha juventude.)**

Sacerdote:

*“Adjutorium nostrum in nomine Domine.”*  
**(O nosso auxílio está no nome do Senhor.)**

Todos:

*“Qui fecit caelum et terram”*  
**(Que fez o Céu e a Terra.)**

Sacerdote:

*“Confiteor Deo omnipotenti,…”*  
**(Eu me confesso a Deus ...)**

Todos:

*“Misereatur tui omnipotens Deus, et dimissis peccatis tuis, perducatur te ad vitam æternam.”*  
**(Que Deus onipotente se amerceie de ti, que te perdoe os pecados e te conduza à vida eterna).**

*“Amem”*

**(Amem)**

E todos rezam o credo:

*“Confiteor Deo omnipotenti, beatæ Mariæ semper Virgini, beato Michæli Archangelo, beato Joanni Baptistæ, sanctis Apostolis Petro et Paulo, omnibus Sanctis, et tibi, pater: quia peccavi nimis cogitatione, verbo, et opere: percutiunt sibi pectus ter, dicentes: mea culpa, mea culpa, mea*

*maxima culpa. Ideo precor beatam Mariam  
semper Virginem, beatum Michælem  
Archangelum, beatum Joannem Baptistam,  
sanctos Apostolos Petrum et Paulum, omnes  
Sanctos, et te, pater, orare pro me ad Dominum  
Deum nostrum."*

***(Eu pecador me confesso a Deus todo-poderoso, à  
bem-aventurada sempre Virgem Maria, ao bemaven-  
turado***

***são Miguel Arcanjo, ao bem-aventurado  
são João Batista, aos santos apóstolos são Pedro e  
são Paulo, a todos os Santos e a vós, Padre, porque  
pequei muitas vezes, por pensamentos, palavras e  
obras, (bate-se por três vezes no peito) por minha  
culpa, minha culpa, minha máxima culpa. Portanto,  
rogo à bem-aventurada Virgem Maria, ao bemaven-  
turado***

***são Miguel Arcanjo, ao bem-aventurado  
são João Batista, aos santos apóstolos são Pedro e  
são Paulo, a todos os Santos e a vós, Padre, que  
rogueis a Deus Nosso Senhor por mim.)***

Diz, então, o sacerdote:

*"Misereatur vestri omnipotens Deus, et dimissis peccatis  
vestris, perducatur vos ad vitam æternam."*

***(Que Deus onipotente se compadeça de vós, que vos  
perdoe os pecados e vos conduza à vida eterna.)***

Todos:

*"Amen."*

***(Amém.)***

Após os ritos iniciais, tem início o ofertório, quando o sacerdote oferece pão e vinho, reza e pede a Deus que os transforme no corpo e alma de Jesus Cristo, oferecido por Ele e derramado por todos. Diz:

*“Suscipe, sancte Pater, omnipotens æterne Deus, hanc immaculatam hostiam, quam ego indignus famulus tuus offero tibi, Deo meo vivo et vero, pro innumerabilibus peccatis, et offensionibus, et negligentis meis, et pro omnibus circumstantibus, sed et pro omnibus fidelibus Christianis vivis atque defunctis: ut mihi, et illis proficiat ad salutem in vitam æternam. Amen”.*

***(Recebei, santo Pai, onipotente e eterno Deus, esta hóstia imaculada, que eu vosso indigno servo, vos ofereço, ó meu Deus, vivo e verdadeiro, por meus inumeráveis pecados, ofensas, e negligências, por todos os que circundam este altar, e por todos os fiéis vivos e falecidos, afim de que, a mim e a eles, este sacrifício aproveite para a salvação na vida eterna. Amém)***

Indo ao lado direito do altar, o sacerdote padre Pedro coloca vinho no cálice e o mistura com algumas gotas d’água, dizendo a seguinte oração:

*“Deus, qui humanæ substantiæ dignitatem mirabiliter condidisti, et mirabilius reformasti: da nobis per hujus aquæ et vini mysterium, ejus divinitatis esse consortes, qui humanitatis nostræ fieri dignatus est particeps, Jesus Christus Filius tuus Dominus noster: Qui tecum vivit et regnat in unitate Spiritus Sancti Deus: per omnia sæcula sæculorum. Amen”.*

(Ó Deus, que maravilhosamente criastes em sua dignidade a natureza humana e mais prodigiosamente ainda a restaurastes, concedei-nos, que pelo mistério desta água e deste vinho, sermos participantes da divindade daquele que se dignou revestir-se de nossa humanidade, Jesus Cristo, vosso Filho e Senhor Nosso, que sendo Deus

convosco vive e reina em união com o Espírito Santo, por todos os séculos dos séculos. Amém)

Após, no meio do altar, o celebrante faz a oferta do cálice:

*“Offerimus tibi, Domine, calicem salutaris, tuam deprecantes clementiam: ut in conspectu divinæ maiestatis tuæ, pro nostra et totius mundi salute, cum odore suavitatis ascendat. Amen”.*

*(Nós vos oferecemos Senhor, o cálice da salvação, suplicando a vossa clemência. Que ele suba qual suave incenso à presença de vossa divina majestade, para salvação nossa e de todo o mundo. Amém.)*

Inclina-se, depois, e diz:

*“In spiritu humilitatis et in animo contrito suscipiamur a te, Domine: et sic fiat sacrificum nostrum in conspectu tuo hodie, ut placeat tibi, Domine Deus”.*

*(Em espírito de humildade e coração contrito, sejamos por vós acolhidos, Senhor. E assim se faça hoje este nosso sacrifício em vossa presença, de modo que vos seja agradável, ó Senhor Nosso Deus.)*

Padre Pedro, ainda em latim, invoca o Espírito Santo, dizendo:

*“Veni, Sanctificator, omnipotens æterne Deus: et benedic hoc sacrificum, tuo sancto nomini præparatum”.*

*(Vinde, ó Santificador, onipotente e eterno Deus e, abençoai este sacrifício preparado para glorificar o vosso santo nome)*

Indo à direita do altar, lava as mãos e cita os versículos do salmo 25:

*“Lavabo inter innocentes manus meas: et circumdabo altare tuum, Domine.*

*“Ut audiam vocem laudis: et enarrem universa mirabilia tua.*

*“Domine, dilexi decorem domus tuæ: et locum habitationis gloriæ tuæ.*

*“Ne perdas cum impiis, Deus, animam meam: et cum viris sanguinum vitam meam.*

*“In quorum manibus iniquitates sunt: dextera eorum repleta est muneribus.*

*“Ego autem in innocentia mea ingressus sum: redime me, et miserere mei.*

*“Pes meus stetit in directo: in ecclesiis benedicam te, Domine.*

*“Gloria Patri, et Filio, et Spiritui Sancto. Sicut erat in principio, et nunc, et semper: et in sæculasæculorum. Amen”.*

*“Lavo as minhas mãos entre os inocentes, e me aproximo do vosso altar, ó Senhor.*

*“Para ouvir o cântico dos vossos louvores, e proclamar todas as vossas maravilhas.*

*“Eu amo, Senhor, a beleza da vossa casa, e o lugar onde reside a vossa glória.*

*“Eu amo, Senhor, a beleza da vossa casa, e o lugar onde reside a vossa glória.*

*“Não me deixeis, ó Deus, perder a minha alma com os ímpios, nem a minha vida com os sanguinários.*

*“Em suas mãos se encontram iniquidades, sua direita está cheia de dádivas.*

*“Eu porém, tenho andado na inocência. Livrai-me, pois, e tende piedade de mim.*

*“Meus pés estão firmes no caminho reto. Eu te bendigo, Senhor, nas assembléias dos justos*

***“Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo. Assim como era no princípio, agora e sempre, por todos os séculos dos séculos, Amém.”***

Depois, no meio do altar, inclinado, o sacerdote diz a oração à Santíssima Trindade:

*“Suscipe, sancta Trinitas, hanc oblationem, quam tibi offerimus ob memoriam passionis, resurrectionis, et ascensionis Jesu Christi, Domini nostri, et in honorem beatæ Mariæ semper Virginis, et beati Ioannis Baptistæ, et sanctorum apostolorum Petri et Pauli, et istorum, et omnium sanctorum: ut illis proficiat ad honorem, nobis autem ad salutem: et illi pro nobis intercedere dignentur in cælis, quorum memoriam agimus in terris. Pereundem Christum Dominum nostrum. Amen”.*

***(Recebei, ó Trindade Santíssima, esta oblação, que vos oferecemos em memória da Paixão, Ressurreição e Ascensão de Nosso Senhor Jesus Cristo, e em honra da bem-aventurada e sempre Virgem Maria, de são João Batista, dos santos apóstolos Pedro e Paulo, e de todos os Santos; para que, a eles sirva de honra e a nós de salvação, e eles se dignem interceder no céu por nós que na terra celebramos sua memória. Pelo mesmo Cristo, Senhor Nosso. Amém.)***

Por fim, o sacerdote volta-se para os fiéis e os convida para, juntos, suplicarem ao Senhor Deus para que aceite o sacrifício.

*“Orate fratres, ut meum ac vestrum sacrificium acceptabile fiat apud Deum Patrem omnipotentem”.*

***(Orai irmãos, para que este sacrifício, que também é vosso, seja aceito e agradável a Deus Pai Onipotente)***

E todos finalizam:

*“Suscipiat Dominus sacrificium de manibus tuis ad laudem et gloriam nominis sui, ad utilitatem quoque nostram, totiusque Ecclesiæ suæ sanctæ”.*

*(“Receba, o Senhor, de vossas mãos este sacrifício, para louvor e glória de seu nome, para nosso bem e de toda a sua santa Igreja. Amém.”)*

A tudo isto, Clara ouvia e assistia, quase em êxtase. Mas acreditava que o poder do sacerdote, a súplica pelo perdão de Deus, lhe perdoaria os pecados. Deus, sem dúvida, a tinha ouvido. E perdoado. Faltava tão somente receber a hóstia consagrada.

A missa continuava. A oblação, a consagração, a comunhão. Depois, o padre Pedro Vital cita:

*“Agnus Dei, qui tollis peccata mundi”.*

*“Cordeiro de Deus, que tirais o pecado do mundo”.*

Os fiéis respondem:

*“Miserere nobis”.*

*“Tende piedade de nós”.*

O padre repete:

*“Agnus Dei, qui tollis peccata mundi”.*

*“Cordeiro de Deus, que tirais o pecado do mundo”.*

Nova resposta:

*“Miserere nobis”.*

*“Tende piedade de nós”.*

Novamente, o sacerdote diz:

*“Agnus Dei, qui tollis peccata mundi”.*

*“Cordeiro de Deus, que tirais o pecado do mundo”.*

*“Dona nobis pacem”, respondem a plateia.*

*“Dai-nos a paz”.*

Vem, então, a preparação para a comunhão. Primeiro, a do celebrante. Depois, a dos fiéis, com todos dizendo:

*“Confiteor Deo omnipotenti, beatæ Mariæ semper Virgini, beato Michæli Archangelo, beato Joanni Baptistæ, sanctis Apostolis Petro et Paulo, omnibus Sanctis, et tibi, pater: quia peccavi nimis cogitatione, verbo, et opere: percutiunt sibi pectus ter,*

*dicentes: mea culpa, mea culpa, mea maxima culpa. Ideo precor beatam Mariam semper Virginem, beatum Michælem Archangelum, beatum Joannem Baptistam, sanctos Apostolos Petrum et Paulum, omnes Sanctos, et te, pater, orare pro me ad Dominum Deum nostrum”.*

***“Senhor Jesus Cristo, que dissestes aos vossos apóstolos: “Eu vos deixo a paz, eu vos dou a minha paz”: não olheis os meus pecados, mas para a fé da vossa Igreja; dai-lhe, a paz e a unidade, segundo a vossa misericórdia. Vós que sendo Deus, viveis e reinais, em união com o Espírito Santo, por todos os séculos dos séculos. Amém”.***

Na pequena capela do Brejo do capitão Sulino, os fiéis, Clara junto, enfileiram-se para receber o corpo e o sangue de Jesus Cristo. E junto o perdão dos pecados.

Padre Pedro recita:

*“Misereatur vestri omnipotens Deus, et dimissis peccatis vestris, perducat vos ad vitam æternam”.*

***“Que Deus onipotente se compadeça de vós, e os vossos pecados, vos conduza à vida eterna”.***

Todos:

*“Amen”.*

*“Indulgentiam Ꝭabsolutionem, et remissionem peccatorum nostrorum, tribuat nobis omnipotens et misericors Dominus”.*

***“Indulgência absolvição, e remissão dos nossos pecados, conceda-nos o Senhor onipotente e misericordioso”.***

Todos:

*“Amen”*

O sacerdote vira-se para o altar, faz ginuflexo e volta-se para os fiéis. Lavanta a hóstia e diz:

*“Ecce Agnus Dei, ecce qui tollit peccata mundi”.*

*“Eis o Cordeiro de Deus; eis O que tira os pecados do mundo”.*

A resposta veio rápida, de todos, por três vezes:

*“Domine, non sum dignus, ut intres sub tectum meum: sed tantum dic verbo, et sanabitur anima mea”.*

*“Senhor, eu não sou digno de que entreis em minha morada, mas dissei uma só palavra e a minha alma será salva”.*

Dirigindo-se à fila dos que iam comungar, padre Pedro oferecia a hóstia, dizendo:

*“Corpus Domini nostri Jesu Christi custodiat animam tuam in vitam æternam. Amen”.*

*“O Corpo e o Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo guarde tua alma para a vida eterna. Amem”.*

O fiel abria a boca, estirava um pouco a língua e o padre colocava a hóstia. Clara Maria da Conceição, antes aflita, agora serena, repetiu o gesto de todos. Fez o sinal da cruz e dirigiu-se ao altar para agradecer. Estava a flutuar.

Clara e seu marido Felipe voltam a Carahybas.



# *A morte de Clara*

**A** confissão de Clara, que apesar do sigilo religioso, espalhou-se por Craíbas, deixou muita gente pensativa. Como era que morria tanta gente; que epidemia era essa que só atingia crianças. Conversa vai, conversa vem, o cabo da Polícia Militar de Alagoas, Laudelino Barbosa da Silva, que era delegado em Traipú, mandou buscar toda a família que restava de Felipe: ele, Clara, Antônia e Rosa, pois queria ouvir, detalhadamente, a história das mortes.

Aliás, há de se perguntar: como muitos souberam da confissão, da promessa?

Por várias vezes, e alguns dias, todos no lugar, e até em Traipú comentavam as mortes. O cabo Laudelino Barbosa ficou intrigado com as notícias acerca das mortes das criancinhas de Craíbas. Resolveu, então, mandar chamar Felipe, Clara, Antônia e Rosa para esclarecer os fatos.

A família de Felipe chegou quatro dias após, todos no carro de boi. O mesmo que tinha levado Clara e Felipe ao Brejo dos Sulinos para que ela se confessasse. Na delegacia, um cômodo 4X4, com uma porta e uma janelada parte da frente; tinha uma mesa e três bancos, sendo um para o delegado sentar-se. No canto, um pote com pano roto na boca e sobre ele uma caneca de alumínio. Aos fundos, uma porta inteiriça que dava saída para um terreno baldio, cercado de pau a pique. Nele, havia uma área coberta de palha de

ouricuri - era para fazer as necessidades. Três pés de carrapateiras enfeitavam o lugar.

Nesta delegacia estava o cabo Laudelino, vestido numa farda de caqui meio amarelada, um cinto largo ao redor da barriga, já um pouco proeminente, uma faca e um revólver queixo grande nas bainhas. Usava um quépi. E foi ali, que Felipe parou o carro de boi, bem em frente à delegacia. Desceram todos, a porta estava aberta na parte de cima. Disse ele:

-“Seu” delegado, bom dia, a gente veio de Craíbas a mando de vosmicê.

-Entrem, disse o cabo Laudelino. Então, vocês são quem?

-Eu sou Felipe José dos Santos, esposo de Clara Maria da Conceição, esta aqui. As outras duas, minhas filhas Antônia e Rosa, todas Maria da Conceição.

- Olha, só tem dois bancos. Sentem-se.

Clara e Rosa sentaram-se.

-Eu mandei chamá-los porque existe um comentário geral sobre as mortes de diversas crianças lá em Craíbas e envolve vocês. Estou errado? O que vocês dizem? Fale primeiro você, Felipe!

E assim se deu, com Felipe “abrindo a boca”.

Ele, Felipe, o pai, que mesmo extremoso, era bem-falante, concatenava as ideias. Analfabeto, não era ignorante de tudo. Como diziam alguns, Felipe maltratava sua esposa, todos sabiam, mas defendia ela e as filhas de quaisquer atos que levassem ao menos desconfiar das três. Era um pouco truculento, porém afável com os seus.

-Ora, “seu” delegado, de uma hora prá outra desandou a morrer menino. Menino de todas as idades; alguns com poucos meses de nascido. E ninguém sabe, até hoje,

o que deu neles para morrer assim. De repente. Uns, e são muitos, acreditam que foi a força do pedido de minha mulher Clara (ele contou o que sabia do pedido de sua mulher em casa, na cama – de que queria morrer, mas primeiro o Senhor levasse as criancinhas, para não deixá-las neste mundo). Eu não acredito nem desacredito. Depende da força do pedido. É o que sei, “seu” cabo!

-E você, Clara, que diz?

O delegado logo notou que ela era uma mulher frágil, quase uma beata. Que gosta de rezar (ela estava com um terço na mão), cantarolar, e olhar sempre para os céus. Tinha, porém, um ciúme doentio de Felipe, pois acreditava piamente que ele a traía com outras mulheres mais novas que ela, já maltratada depois de tantos filhos. Essa notícia de que era ciumenta também tinha chegada aos ouvidos do delegado.

Disse ela:

-Olha, “seu” delegado, só sei que expiei meus pecados lá na capela do Brejo dos Sulinos. Conteí tudinho ao padre. Até o meu arrependimento. Ele sabe de tudo. Agora, ao invés de meu marido, acredito piamente que os meninos morreram de morte morrida. Um a um.

-Menina Antônia, que diz você?

-Nada, “meu” senhor. Não sei de nada. Nem minha irmã Rosa aqui sabe qualquer coisa.

E só disse isto.

Rosa, a última a ser ouvida, um pouco pálida, repetiu a mesma ladainha. Não sabia de nada.

O delegado Laudelino mandou que todos ficassem ali mesmo na sala. Isto era umas 11 horas da manhã daquele dia ensolarado de abril. E saiu a meditar.

Era quase uma hora da tarde, quando um rapaz, de nome Zé da Rita, chegou trazendo uma panela de barro com feijão de corda, outra vasilha com farinha de mandioca e três pedaços de carne de charque. Era o almoço mandado pelo cabo.

-Olha, disse o rapaz, só vai ter esta comida hoje.

O resto da tarde e a noite se passaram. Aliás, foi à noite que os quatro da família de Felipe usaram da casinha no quintal da delegacia para suas necessidades.

A noite transcorreu silenciosamente. Na delegacia, Felipe, Clara, Antônia e Rosa deitados no chão batido, dormiam o sono dos justos. Ou dos injustos.

Pela manhã, lá pelas seis horas, Felipe e as filhas começaram a se levantar, esfregando os olhos com os dedos, abrindo as bocas numa sonolência só.

Menos Clara. Esta, permanecia deitada por cima do ombro esquerdo e a mão direita cobrindo o rosto. Impávida.

Felipe dirigiu-se a Clara e chamou:

-Acorda, Clara! Tá na hora.

Nada. Silêncio.

-Vai, Clara, levanta! O dia já está alto.

Nada.

Felipe, então, dirigiu-se à mulher, abaixou-se, tocou no seu braço direito, apertando levemente, e disse:

-Vamos, mulher, levanta!

Neste instante, ele notou que Clara estava inerte, fria, morta. Olhos fechados, semblante tranquilo, boca fechada, dava para ver quase um sorriso nos lábios.

-Oh, meu Deus, olha minhas filhas, sua mãe está morta!

As meninas, Antônia e Rosa, esbugalham os olhos, se aproximam da mãe e confirmam o que o pai disse. Não disseram nada. Em Antônia nota-se uma lágrima descendo a face esquerda, e ela, rapidamente, passa o dorso da mão para enxugá-la. Rosa, pálida, continua em silêncio lúgubre.

Na porta da delegacia, Zé da Rita, com um olhar para dentro, vê e ouve tudo. E desaba a correr à procura do delegado para contar a novidade.

O cabo Laudelino Barbosa, quando soube da morte de Clara, inesperadamente, soltou Felipe e as duas filhas, mandando que retornassem a Craíbas, levando o corpo da esposa e mãe. Ele, homem da lei, arrepiou-se com aquelas mortes. Das crianças e de Clara.

Antes, ajudou, com Zé da Rita, na colocação do corpo de Clara na mesa do carro de boi.

Felipe juntou os dois bois no carro, colocou a canga, o canzil, a brocha, enrolou o corpo da mulher, deitou-o na mesa, mandou as duas filhas subirem também e saiu a aboiar em direção a Craíbas. O sol já estava a pino.

Durante muito tempo, na estrada sinuosa entre Traipú e Craíbas (uma longa distância, entre 50/60 km, passando pelos povoados de Girau do Ponciano, Mata Limpa, Folha Miúda), só se ouvia o silêncio daquele transporte na imensidão da caatinga. De vez em quando do eixo daquele carro surgia um som triste, parecendo chorar.

Na chegada a Craíbas, não se sabe como, quase uma dúzia de pessoas esperava os vivos e a morta. Eram as irmãs de Clara, Joana, Francisca, Apolônia, e as cunhadas Maria José, Maria Francisca, Maria Madalena e Ana Maria, que, ninguém sabe como, já tinham tomado conhecimento do infortúnio. Homens, só dois: os Roberto, cunhados. Os outros estavam na roça de mandioca.

Os dois homens, mais Felipe, pegaram o corpo de Clara e o levaram para o centro da sala onde dois bancos, grandes, estavam colados, um a um. Ali colocaram Clara e a vestiram com o mesmo vestido de chita de bolinhas (quando assistiu a missa no Brejo dos Sulinos), pois era o mais novo e melhor que tinha. Embaixo, colocaram uma cuia para aparar o líquido que já escorria.

As duas filhas de Felipe e Clara foram para o único quarto daquela casa.

De tempos em tempos, mais ou menos de vinte em vinte minutos, as mulheres ao redor da defunta, puxavam reza:

*Pai Nosso que estais nos Céus,  
santificado seja o vosso Nome,  
venha a nós o vosso Reino,  
seja feita a vossa vontade  
assim na terra como no Céu.  
O pão nosso de cada dia nos dai hoje,  
perdoai-nos as nossas dívidas  
assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido,  
E não nos deixeis cair em tentação,  
mas livrai-nos do Mal. Amém.*

Logo após,

*Ave Maria, cheia de graça,  
o Senhor é convosco,  
bendita sois vós entre as mulheres  
e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus.  
Santa Maria, Mãe de Deus,  
rogai por nós pecadores,*

*agora e na hora da nossa morte.  
Amém.*

E iam rezando todas:

*Salve, Rainha, Mãe de misericórdia,  
vida, doçura e esperança nossa, salve!  
A vós bradamos, os degredados filhos de Eva;  
a vós suspiramos, gemendo e chorando neste vale de lágrimas.*

*Eia, pois advogada nossa, esses vossos olhos misericordiosos  
a nós voltei;  
e depois deste desterro nos mostrai Jesus,  
bendito fruto do vosso ventre, ó clemente, ó piedosa, ó doce  
sempre Virgem Maria.*

Por fim, os benditos fúnebres:

*Mãe de Deus, Mãe Nossa, Mãe Suprema  
Mãe Poderosa, Mãe Dolorosa, Mãe do Salvador  
De hoje para sempre eu me entrego a ti  
Abençoaís a minha vida  
Abençoaís a minha morte  
Perdoais tudo que eu cometi neste mundo  
Dai-nos o céu por descanso eterno  
Dai-nos peso por eternidade  
Fiel na balança de São Miguel.*

E mais:

*Jesus, Maria, José  
Jesus é meu, eu sou de Jesus  
Valei-me Jesus, José e Maria  
Jesus e Maria, Sant' Ana também*

No Reino da Glória  
Para sempre, amém.

*Dai-lhe Senhor o eterno descanso a Clara  
Entre o resplendor da luz perpétua  
Descansa em paz, Amém.*

À tarde, lá pelas quatro, reuniram-se o marido de Clara, Felipe, e os cunhados Antônio Nunes, João Nunes, José Nunes e Pedro Nunes. Colocaram o corpo em um caixão simples e, calados, o levaram ao local do cemitério, que ficava na região do Marruás. Ali, já estavam enterrados os 14 anjinhos. O local era perto da casa de Clara. Tudo foi feito em silêncio.

Depois do enterro, cada um foi para sua casa. Felipe, agora sozinho, foi cuidar do restante de seus filhos.

Passaram-se alguns dias.

Enquanto isto, na delegacia de Traipu, o cabo Laudelino se apronta, encilha um cavalo, coloca várias coisas no *bornal* e dirige-se à sede do município, Limoeiro de Anadia, para, numa visita ao juiz Antônia Barboza da Silva, entregar a investigação que havia feito acerca das mortes em Craíbas



# *O governador* *Euclides Malta*

**N**aquele tempo, governava Alagoas o advogado Euclides Vieira Malta<sup>9</sup>. Daí depreende-se que era um homem culto, conhecedor das leis. Por duas vezes foi o principal administrador do estado: de 1900 a 1903 e de 1906 a 1909. Era um homem de fé. Em sua gestão, foi criado o bispado de Alagoas e a telefônica estadual. Mas, sem dúvida, seu maior ato foi a inauguração da sede do governo, o palácio dos Martírios, obra que vinha se arrastando desde 1893.

---

9 (\*) Euclides Vieira Malta - nasceu em Paulo Afonso, hoje Mata Grande, 16 de setembro de 1861 e morreu no Recife, em 16 de julho de 1944. Estudou em Maceió e concluiu humanidades em Recife, onde se formou pela Faculdade de Direito em 1886. De volta a Alagoas, foi promotor público em Atalaia, Penedo e Coruripe. Foi deputado estadual, de 1890/1891 e de 1895/1896; prefeito de Penedo, Alagoas, de 7 de janeiro de 1895 a 7 de janeiro de 1897; deputado federal, de 1892/1893, de 1897/1899; governador de Alagoas, de 12 de junho de 1900 a 12 de junho de 1903 e de 12 de junho de 1906 a 3 de junho de 1909; senador da República, de 1903/1905, de 1906/1908, e de 1921/1923. Sobre ele, disse o historiador Golbery Lessa, no REPÓRTER NORDESTE, em 22/09/2011: "A partir de 1900, o governador alagoano Euclides Malta funda uma oligarquia que sobreviverá até 1912. Originário do Sertão, da cidade de Mata Grande, e com as mesmas bases políticas do governante anterior, o Barão de Traipu, seu sogro e padrinho político, usou os conhecimentos adquiridos na Faculdade de Direito de Recife para liderar os coronéis semi-analfabetos e abrir espertamente seu governo para as outras regiões e outros setores sociais. Adquiriu apoio em Maceió por meio de uma série de obras públicas, principalmente praças, passeios públicos, a construção do teatro Deodoro da Fonseca, a finalização do Palácio dos Martírios, o erguimento do Palácio da Justiça e do Palácio da Intendência e outras, as quais modernizaram a capital. A remodelação dos espaços públicos esteve sob a coordenação do competente pintor Rosalvo Ribeiro, um dos principais nomes das artes plásticas alagoanas da época".



*Advogado Euclides Vieira Malta, que foi governador de Alagoas por duas vezes: de junho de 1900 a junho de 1903 e de junho de 1906 a junho de 1909.*

Após diversas manifestações na imprensa alagoana, como os jornais **A Tribuna**, **Gutenberg**, **Evolucionista**, **Almanak Alagoano**, o governador<sup>10</sup> resolveu agir e exigiu que o secretário do Interior, seu irmão, Dr. Joaquim Paulo

---

10 (\*\*\*) Em 21 de abril de 1903, o governador Euclides Vieira Malta, em sua Mensagem ao Congresso Alagoano, por ocasião da 1ª sessão ordinária da 7ª legislatura, assim se pronunciou acerca do caso de Craibas, lembrando-se de todo o fato e das medidas que tomou: “Em meio da tranquilidade que gosava do estado surgiu um caso sensacional, cujo conhecimento a todos produziu impressão dolorosa: o estrangulamento de 14 creanças, entre as idades de 2 mezes a 12 annos, sendo auctora a irmã e prima dellas Antonia Maria da Conceição, de 15 annos, auxiliada somente em tres desses actos horrorosos por sua irmã Rosa Maria da Conceição, de 14 annos, ambas residentes com seus paes no sítio Carrahybas dos Nunes, de município do Traipú.

“Logo que tive sciencia de semelhantes factos, occorridos de Janeiro a Abril do anno passado, mandei que viessem para esta capital essas duas infelizes mocinhas.

“Aqui chegadas, depois de um ligeiro exame medico a que assisti, fazendo-lhes eu mesmo algumas perguntas, julguei conveniente que, antes do procedimento da autoridade judiciaria, fossem ellas observadas por uma comissão de medicos.

“Effectivamente assim se fez por mais de um mez, apresentando no final a comissão seu longo e scientifico parecer, em que concluiu pela monomania impulsiva de Antonia e pela falta absoluta de determinação livre de Rosa, dominada ou fascinada por aquella, a quem muito temia e, portanto, reconhecer a mesma comissão que se tratava não de criminosas, mas de duas pobres doentes.

“Mandei que com esse parecer fosse ellas remetidas á autoridade processante daquele município.

“Instaurado o processo e subindo a despacho do respectivo dr. Juiz de Direito, este, como era de esperar, as desproneiou em 22 de dezembro proximo passado, restituindo-as ao desventurado pai.

“Deploro não possuirmos uma casa ou estabelecimento, onde pudessem ser convenientemente observados e tratados individuos em taes condições, e mesmo educados, no caso de lhes voltar a integridade da razão.

“Estivessem em melhor pé as nossas finanças e eu não teria duvida em vos pedir meios, para que se fundasse mais essa pia instituição” (a escrita da mensagem do governador ao Congresso Alagoano – Casa Legislativa – está conforme o original).

Vieira Malta<sup>11</sup>, apurasse o caso das mortes das crianças de Carahybas, o mais rápido possível.

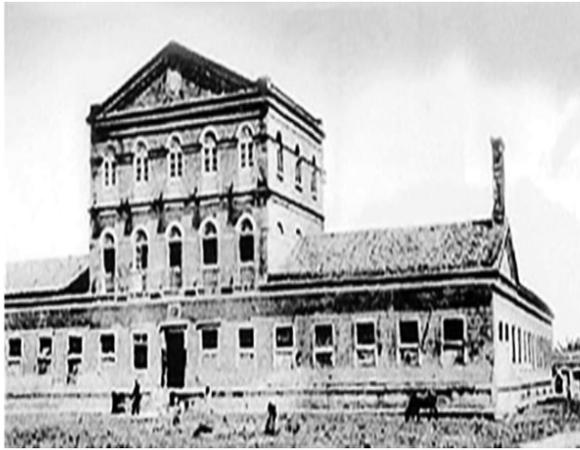
Ora, o irmão-secretário, após os fatos narrados pelos jornais, com toda a sociedade alagoana conhecedora, determinou ao juiz de direito substituto de Limoeiro, Antônio Barboza da Silva, o envio de todo o processo das meninas presas de Craibas para a capital, inclusive elas, detidas.

Antônia e Rosa foram enviadas a capital, mais precisamente para a casa de detenção<sup>12</sup> existente onde hoje é a praça da Independência e colocadas, juntas, em uma cela. Vindas de Limoeiro, acompanhava o pai Felipe.

---

11Joaquim Paulo Vieira Malta, nasceu em Paulo Afonso, hoje Mata Grande (AL), em 20 de outubro de 1857. É irmão de Euclides Vieira Malta, que governou o estado de Alagoas. Começou os seus estudos superiores na Faculdade de Direito de São Paulo, se transferindo para Faculdade de Direito de Recife, onde se formou em 1878. Exerceu a advocacia em Paraíba do Sul (RJ), entre 1879 a 1880. Depois, foi nomeado juiz de direito em Saquarema (RJ), permanecendo até a proclamação da República, em 1889. Foi, também, juiz de direito de Alegre (ES) Seu interesse na política deu-se quando retornou à Alagoas, por ter assumido o cargo de secretário do Interior, de junho de 1899 a junho de 1901, no governo de Francisco Manuel dos Santos Pacheco e no governo de seu irmão Euclides Malta. Foi governador de Alagoas entre 12 de junho de 1903 e 12 de junho de 1906, além de senador em 1903 e de 1907 a 1911. Em 1913, foi nomeado procurador-geral do estado de Alagoas, falecendo no cargo

12 Durante o ano de 1844, somente a cadeia de Penedo estava em condições de uso e que em Maceió não existia cadeia. Os presos eram recolhidos à prisão militar. Segundo Félix Lima Júnior, em Maceió de Outrora, a construção da Cadeia de Maceió teve início no dia dois de dezembro de 1847, e custou cerca de 150.000\$000. Em março de 1849, as obras da Cadeia de Maceió, sob a direção do engenheiro Pedro José de Azevedo Scharamback, estão quase prontas. O prédio também serviria para sede da Câmara Municipal e do Júri. Em março de 1855, o presidente Antonio Coelho de Sá e Albuquerque informou que a Cadeia de Maceió ainda não tinha sido concluída, mas já era insuficiente para o grande número de detentos. Ele cobrava a conclusão ou ao menos o aumento do edifício. Em 1870 a cadeia da capital tinha 36 celas, com sete delas muito espaçosas e uma servindo de enfermaria. No dia 31 de dezembro daquele ano, estavam presas 183 pessoas, com 170 livres (sic) — entre eles 7 mulheres — e 13 escravos. O corpo funcional da casa de detenção era composto por um administrador, um ajudante, um capelão, um escrivão, um enfermeiro, uma enfermeira, um barbeiro e cabeleireiro, alguns guardas internos e serventes. Desde 1870 que tinha 36 celas, com sete delas muito espaçosas e uma servindo de enfermaria. No dia 31 de dezembro daquele ano, estavam presas 183 pessoas, com 170 livres — entre eles 7 mulheres — e 13 escravos.



*Casa de Detenção, que foi concluída em 1870 e assim denominada por Lei nº 573, onde ficaram detidas Antônia e Rosa, mesmo menores.*

Depois dos olhares curiosos, o secretário Joaquim Malta designou, na casa de detenção mesmo, uma sala onde três médicos escolhidos por ele pudessem fazer indagações às meninas, ou mesmo as estudassem à luz da ciência. E disseram que *“nada sofriam as moças.”*

Com o resultado dos amigos do secretário, este vai ao governador para dar o resultado, que não se conforma com o fato.

Antônia e Rosa, enquanto isto, passam a viver na casa de detenção.



*Em uma dessas celas ficaram detidas as irmãs Antônia e Rosa, por ordem do secretário do Interior, Joaquim Malta.*

# *A história de* *Antônia*

**N**a primeira vez que foi entrevistada por membros do jornal **A TRIBUNA**, no dia 24 de abril, Antônia, nos seus 15 anos, se apresentava delgada, os pequenos peitos um pouco estofados, de fisionomia carregada, de conversação rude e até um pouco atrapalhada. Parecia uma pessoa sem espírito, tímida, pouco à vontade na casa de detenção. Era uma menina-moça da roça.



*Antônia Maria da Conceição, quando falou a A TRIBUNA.*

Disse ela à **A TRIBUNA**:

*“Meu pai, Felipe, vive com minha mãe na perfeita amizade, e mais dos dias iam à casa de farinha, que ficava a uns 50 passos da nossa casa, raspar mandioca. Minha irmã Rosa sempre acompanhava meus pais, e eu, como mais velha, ficava tomando conta dos irmãos.*

*“Na casa de farinha, que era de toda a família, sempre se achava uma tia, irmã de minha mãe. Daí, saía muita conversa. Numa dessas conversas, vim saber que minha mãe havia desgostado da atitude de um tal João, que havia raptado uma moça que morava aií perto. Raptou e depois maltratava muito a coitada!*

*“Meu pai, ouvindo a tal conversa entre minha mãe e sua irmã, repeliu prontamente minha mãe, dizendo que ela não tinha nada a ver com a história.*

*“Minha mãe entronchou a cara! Ela parecia ter muito ciúme de meu pai.*

*“Um dia, minha mãe estava adoentada, de cama, e conversava com duas de suas irmãs, relatando que tinha feito um pedido a Deus, Dizia que não tirasse sua vida desse mundo sem que primeiro não levasse seus filhos, pois esse mundo é ruim, cheio de perigo.*

*“Fiquei a ruminar!*

*“Ora, pensei! Minha mãe vai morrer logo, ela está muito doente. E ela pediu a Deus para que venha buscar seus filhos pequenos antes dela ir. Por que não atender minha mãe? Por que não ajudá-la nesta empreitada?*

*“Matutei muitas vezes. E, com efeito, dias depois saíram todos para a casa de farinha, ficando só eu, a lavar pratos, e meus outros irmãos. Cecília, com 11 anos, estava entre eles. Aí, surgiu-me um pensamento: fazer. Peguei seu pescoço com as duas mãos, arroxeei, arroxeei, até que ela colocou a língua para fora. Nem sinal de vida.*

*“Chamei meus outros irmãos, todos pequeninos, e disse: calados, se vocês falarem, eu farei o mesmo com cada um. Ouviram?*

*“O silêncio foi total.*

*“Após a morte de Cecília, seguiram-se mais dois, Manoel, com cinco anos, era magrinho, magrinho, quase não falava, e Maria, com três anos. Do primeiro ao terceiro, foi uma distância de seis dias.*

*“Minha mãe, quando viu os filhos mortos, não se conteve. E disse: **“foi feito com muita fé”**, acreditando que suas preces a Deus estavam sendo atendidas.*

Neste momento, Antônia titubeou, parecendo não estar segura com suas ideias. Ela parou, respirou profundo, e continuou:

*“Olha, foram 14, entre irmãos e primos. Três eram de meu tio João Nunes; dois, do outro tio, Manoel Nunes; um, do tio Antônio Raymundo, e oito de meus pais.”*

Durante todo o tempo, Antônia contou à **A TRIBUNA** que após a morte da 12ª criança, seus parentes acreditavam piamente que “algo ruim” havia passado pelo lugar. “Um vento,” diziam.

Depois de ouvir Antônia, a reportagem de **A TRIBUNA** foi ouvir Rosa que, fisionomia simpática, de conversação desembaraçada para uma analfabeta, narrou os fatos. Ora, repetiu quase sempre o que sua irmã havia dito, acrescentando que não revelou as mortes logo que foi sabedora, ou mesmo participou, porque conhecia o gênio forte da irmã. E tinha medo de morrer, pois sempre era ameaçada.

As respostas às perguntas eram quase que iguais, sem terem sido preparadas pelas duas. A tudo, o pai Felipe continuava mudo, sem palavras. E sem gestos.



*Rosa Maria da Conceição também foi entrevistada pelo jornal **A TRIBUNA**.*

# *O parecer dos* *médicos*

**U**ma das providências, entre outras, foi a nomeação de uma comissão de médicos notáveis com o intuito de, à luz da medicina, estudarem as duas irmãs, Antônia e Rosa, e oferecer parecer acerca de suas condições mentais.

O Secretário do Interior, por determinação do governador, então, nomeou uma comissão de médicos notáveis com o intuito de, à luz da medicina, estudarem as duas irmãs, Antônia e Rosa, e oferecer parecer acerca de suas condições mentais.

Assim ficou constituída a comissão:

1. Manoel Sampaio Marques, alagoano, médico, formado em 1891 pela Faculdade de Medicina, Pharmacia e Odontologia da Bahia. Foi um dos fundadores da Sociedade de Medicina de Alagoas. Intendente Municipal e professor do Lyceu Alagoano e diretor da Caixa Comercial;
2. Antônio Francisco de Gouveia, alagoano, médico, formado em 1887 pela Faculdade de Medicina, Pharmacia e Odontologia da Bahia, diretor geral de Instrução Pública, médico de saúde do Porto e presidente da Previdência Alagoana;

3. Francisco Augusto da Silveira, alagoano, farmacêutico, formado em 1887 pela Faculdade de Medicina, Pharmacia e Odontologia da Bahia. Tinha consultório e residia à rua Nova, 86 (hoje, rua Barão de Alagoas);
4. Sylvio Moeda, médico, com residência e consultório na rua Boa Vista (atual rua Lourenço de Albuquerque);
5. Luiz Barreto Correia de Menezes, pernambucano, médico;
6. Alfredo de Araújo Rego, alagoano, médico sanitarrista, diretor da Instrução Pública e diretor da Higienização e Saneamento de Maceió.

Simplees médicos, sem quaisquer especialidades, principalmente a psiquiatria (não havia, ainda, essa especialização médica), passaram a visitar a cadeia pública de Maceió onde as duas moças se encontravam presas. Através de consultas físicas, conversas, interrogatórios individuais, até o uso de hipnose foi usado. Aliás, o uso da terapia hipnótica, que já era considerada importante ajuda à ação policial, não trouxe novidades ao caso, que estava sob segredo de justice.

É de se afirmar, como dito acima, que a comissão médica nomeada pelo governo de Alagoas, sem dúvida, era composta de nomes importantes na medicina local, refletindo o saber científico e médico da época. Isto além de serem de uma honradez a toda prova. Para isto, o governo do estado procurou nessas figuras opiniões sinceras. Assim, é a comissão que ofereceu o seguinte

## PARECER DOS MÉDICOS(\*)

*“Nós, abaixo assignados, médicos residentes nesta cidade, commissionados pelo Exmo. Snr. “Secretario do Interior, Dr. Joaquim Paulo Vieira Malta, para dar parecer sobre o estado pshychico de Antonia Maria da Conceição e Rosa Maria da Conceição (irmãs) a primeira de 15 e a segunda de 14 annos de idade, filhas legítimas de Felippe José dos Santos, e D. Clara Maria da Conceição (primos), residentes no sítio denominado Carahybas, situado nos limites do municipio de Limoeiro de Anadia com o de Traipú, accusadas do estrangulamento de 14 creanças (irmãs e primos) occorrido nos primeiros mezes do corrente anno, temos a honra de apresental-o, cabendo-nos o dever de declarar que este parecer foi baseado no estudo e na observação escrupulosa de mais de sessenta dias a que submettemos as duas accusadas, procurando ao mesmo tempo conhecer com minuciosidade todos os factos de sua vida passada, de seus costumes, de sua educação e de sua instrução; que investigamos com calma o isenção de animo tudo quanto podesse esclarecer-nos e guiar-nos na descoberta da verdadeira causa que levou essas duas infelizes mocinhas á pratica de actos de verdadeira selvageria, que alarmaram a sociedade e as fizeram derramar, no seio da propria familia, o lucto, a dôr e a desolação, tornando-as para sempre desgraçadas. Toda a familia é composta de homens laboriosos, alguns abastados e em geral pouco instruidos ou analphabetos. Antonia apresenta stygmata de degeneração psychica e conta em sua familia epilepticos, paralyticos, idiotas e hystericos; mas nunca teve em seu passado nenhuma perturbação cerebral. A mãe de Antonia, pelas infirmações que nos foram ministradas pelo marido e pelas filhas, sofre de enxaquecas e é hysterica, Na prisão em que se acha Antonia, tivemos occasião de observar por mais de uma vez manifestações bem caracteristicas de hysteria. Pensamos, portanto, que se trata de um caso de loucura volicional, tendo como causa a hysteria, e que duas foram as cau-*

sas que contribuíram para a manifestação desta *nevropathia* nessa infeliz moça - a hereditariedade e a consanguinidade. Nas moléstias mentais - a hereditariedade toma todas as formas, como diz o Dr. Brunet. "Um louco, nasce de um louco: nada é mais directo, é a **hereditariedade vesanica**". - "Um louco não descende de paes loucos: mas procurai bem e encontrareis que o pae era epileptico, que a mãe era hysterica, etc. eis ahi: mais frequente que a hereditariedade vesanica é a **hereditariedade nevropathica**". É nesse sentido que se pode estabelecer com frequência uma verdadeira arvore genealogica no crime da qual se expande o alienado, producto de syphiliticos cerebraes, de hystericos, etc". A consanguinidade representa tambem papel primordial entre os agentes provocadores da hysteria. Terriou, nos archivos de neurologia de 1892 a 1893, trata com insistencia da frequencia dessa *nevropathia* nos campos vandeanos, provocada pela consanguinidade. D'ella dimana toda uma cathegoria de factos chamados "de hysteria essencial". Chegada a epocha da puberdade em que o organismo sofre abalos profundos, em que os centro nervosos sofrem verdadeiras convulsões, a menor-cause pode provocar a loucura, como aconteceu a infeliz Antonia. - "É como diz Maudsley em sua obra - o crime e a loucura - de 1891. "Do mesmo modo que a função dos centro motores produz a convulsão dos movimentos, um estado morbido dos centros psychicos produz o que falta de um termo mais apropriado pode-se chamar a convulsão da idea". Na loucura volicional não ha nem desilusão, nem perturbação **emotiva**; mas incapacidade de fazer agir a vontade de accordo com a intelligencia. Muitas impulsões morbidas são com frequencia casos de loucura volicional, nas quaes idéa atravessando repentinamente o espirito é imediatamente posto em execução, ainda que a intelligencia e o sentimento se opponham a isto. - O individuo affectado de loucura volicional tem em suas impulsões perfeito conhecimento de seus actos; mas commette-os porque é

*impellido por uma força contra a qual é impotente para resistir. - Age sempre ou quasi sempre de uma maneira calma e resoluta; não tem perda momentanea de consciencia como o epileptico, nem procede como o delirante chronico que concebe o attentado segundo a serie de allucinações de que é victima, e que pratica-o na persuazão de que age com toda a razão, ou que se torna assassino com o fim de sahir da obscuridade em que julga viver sepultado systematicamente. - A impuulsão morbida é as vezes combatida ou dissipada por causas muito ligeiras. Outras vezes todos os esforços do alienado são improfficuos, e, apezar de sua propria resistencia acaba por commeter o acto final. - Os stygmas psychicos da degeneração não são mais do que, segundo Magnon, a desharmonia das diversas faculdades, a falta de equilibrio opsyhicos, de modo que todo episodio syndromico da loucura pode reduzir-se does phenomenos: a obsessão e impulsão com o caracter de irresistibilidade. “Uma idéa apparece subita e involuntariamente irrompe na consciencia e ahi se installa impondo-se a attenção de um modo brutal, interrompendo a marcha das outras idéas, escapando á reflexão: a idéa que tem se tornado obsecante influe reflexamente sobre as zonas motoras e produz desta maneira movimentos de caracter impulsivo”. – “Um dipsomano, por exemplo, é observado pela idéia de beber e é impellido irresistivelmente á practica deste acto; o oniomano – é obsecado pela idéia de comprar e é impellido a fazer compras por uma força estranha, superior á sua vontade, etc”. A despeito dos esforços que faz, o paciente vê constantemente reproduzir-se a obsessão e a impulsão: ellas são irresistiveis. A vontade, diz Maudsley, é importante para domar um movimento convulsive, embora o paciente não cesse um instante de ter consciencia do movimento e de sua natureza; semelhantemente a vontade pode ser impotente para refrear, por mais esforços que faça, uma idéa doentia chegada a um gráu de actividade convulsive, se bem que possa haver no individuo, sem inter-*

rupção, consciencia nitida da estrangulamentos dos irmãos e primos, tinha plena consciencia de que praticavam um acto máo, coma confessa, narrando em phrases claras e simples todos os horrores, todas as peripecias do terrivel drama de que foi ella a principal protagonista, mas sentia-se impotente para cohibir-se de o praticar, resultando d'ahi a **angustia**, o soffrimento moral inexprimivel que a levava a um verdadeiro desespero. Chora a morte das creanças, luctava contra os horriveis desejos de matar que lhe maltratavam o espirito, era dominada por uma inquietação, por um terror que não sabia comprehender nem definir, o corpo todo era abalado por um tremor convulsivo que ainda mais fazia augmenter sua **agonia**; mas sua idea obcecante triumphava sempre, sentindo, em seguida ao acto violento que praticava, uma grande satisfação, um alivio supremo. Relatou-nos a irmã Rosa que viu-a por mais de uma vez suspender pela cabeça a creança morta, dizendo-lhe que sentia grande prazer, vendo o corpo inanimado balancer-se no ar. — Antonia, nega ter comettido semelhante **malvadez** (expressão de que servio-se). Disse-nos que se os paes lhe tivessem dado alguma instrução (ambas são analphabetas) talvez tivesse podido luctar com vantagem contra suas impulsões quea tornaram tão desgraçada, ella que sempre foi bôa e carinhosa para todos. — A principio as suas horriveis impulsões so eram despertadas pela presence de qualquer creança; mais tarde, porem, sua idea, seus desejos, chegaram ao ponto de obrigar-a a ir furtivamente até ás proximidades da casa de Antonio Raymundo, que residia junto á igreja, e as de sua tia Francisca, um pouco mais distante, paraver se conseguia qualquer de seus filhos, o que felizmente nunca pôde realizar. Estas impulsões morbidas podem apparecer em qualquer epocha da vida do degenerado, mas irrompeu quasi sempre na puberdade, como acima dissemos e como aconteceu no caso presente. . — Para mais comprovarmos que Antonia agio em estado de loucura volicionalo, vamos mencional

resumidamente o numero das victimas que fez pela ordem que nos foi contada por ella propria. 1a. Cecilia, irmã, de 2 annos de idade. Foi estrangulada na propria residencia dos paes. – 2a. Manoel, irmão, de 4 para 5 annos de idade. – Foi estrangulado 3 dias depois de Cecilia, tambem em casa. Essa creança era doente, soffria de ataques cuja causa não nos soberam dar. – 3a. Maria, irmã, 3 dias depois de Manoel. Esta creança era a que Antonia mais estimava e tratava-a por comadrinha. Disse-nos que a morte desta irmansinha lhe causou profundo pezar. Depois da morte de Maria, o povo da localidade começou a attribuir essas mórtés subitas á fabricação de farinha de mandiocas e que se fazia diariamente nas proximidades da casa de Felipe, pelo que foi suspenso todo trabalho.. – 4a. Thomazia, irmã, de 8 annos de idade. Foi estrangulada 3 dias depois no mato, junto de uma fonte onde tinham ido lavar roupa e por detraz de uma bananeira. Rosa auxiliou-a neste estrangulamento. - 5a. - Maria Angelica, irmã, de 2 mezes de idade. Foi estrangulada depois de baptizada, 3 dias depois de Thomazia, diga-se no dia seguinte ao da morte de Thomazia. no quarto contiguo em que dormiam os paes. Depois de morta, Antonia envolvêo-a em panos e foi deital-a n'uma rede no quarto dos paes que não despertaram. - 6a. Antonia, prima, de 18 mezes de idade, filha de Antonio Raymundo e Maria Antonia. Foi estrangulada tres dias depois de Maria Angélica, na casa do pae de Antonia, onde se achavam de passeio, nos mattos proximos de casa. Depois da morte desta creança ninguem mais quiz ir á casa de Felipe com creanças, receiando que fossem accometidas do **mal**. - 7a. Josepha, irmã, de 9 annos de idade. - Foi estrangulada 8 dias depois de Antonia, no matto. - 8a. Joanna, irmã, de 10 annos de idade. Foi estrangulada 8 dias depois de Josepha, no mesmo lugar em que tinha morrido Thomazia. - 9a. Rozendo, primo, de 7 mezes de idade, filho de João Nunes e Maria Francisca. Foi estrangulado na propria residencia destes, onde Antonia tinha ido com a fami-

lia a passeio. - 10a. Izabel, irmã, de 12 annos de idade. Foi estrangulada 8 dias depois de Rozendo, no proprio quarto em que dormia com as irmãs, Antonia confessa que premeditou a morte da irmã, e que para levar a effeito seu desejo, esperou que ella dormisse, pois não conseguiria estrangulal-a, estando accordada, por ser uma menina forte e robusta. Apezar disto houve lucta entre ambas e Antonia, receiando ser vencida, pedio auxilio de Rosa, ameaçando-a de morte se o recusasse, sendo Izabel finalmente estrangulada pelas duar irmãs, apezar do grande rumor que houve provocato pela lucta, os paes de Izabel, que dormiam no quarto contiguo não despertaram. - 11a. José, primo, de 2 annos de idade, filho de Manoel Nunes e Maria Thereza da Conceição. Foi estrangulado 8 dias depois de Izabel, no matto, proximo á casa do proprio Manoel Nunes, onde Felipe estava com a familia em visita a parentes **chegados** de Joazeiro. - 12a. Joana, prima, irmã de José, de 3 annos de idade. Foi estrangulada no mesmo dia pela madrugada, sendo auxiliada pela irmã Rosa. Depois deste estrangulamento, Antonia tentou matar Maria, creança de 2 annos de idade, rachitica, filha de Salustiano e Thomazia Maria da Conceição, não conseguindo, porem, apezar de lhe ter apertado o pescoço fortemente, a ponto da creança desfallecer, por ter chegado Thomazia, tomando-lhe a creança dos braços, sem desconfiar, entretanto, do que Antonia acabava de fazer e que se tratava de um ataque qualquer. - 13a. Antonia, prima de 3 para 4 annos de idade, filha de João Nunes e Maria Francisca. Foi estrangulada 8 dias depois de José e Joanna, no matto. 14a. Pedro, primo, irmão de Antonia, de 5 annos de idade. Foi estrangulado no mesmo dia e á mesma hora em que devia ser conduzido para o cemitério o cadáver de Antonia. Foi com a morte de Pedro que se descobrio que era Antonia a autora desses estrangulamentos, e isto se deu, diz ella, porque o menino Pedro era forte e custou muito a morrer. - Eis ahy em syntese o horroroso crime praticado por uma creança de 15 annos

de idade a quem a loucura tornou desgraçada. Numerosos exemplos deste genero têm sido citados, e entre outros mencionaremos os seguintes pela semelhança com o facto de que nos occupamos: O Jornal de Noticias da Bahia no. 6768 de 25 de agosto do corrente anno, transcreve dos jornaes europeus uma noticia sobre um assombroso drama que se densenrolou nos Estados Unidos da America do Norte e que muito se assemelha as do Sitio Carahybas, differindo apenas no numero das victimas e no meio de que se servio sua autora. - Eis o facto, do qual transcrevemos os principais topicos: - "Uma Lucrecia Borgia americana - Trinta e uma victimas - Loucura lucida - Enfermeira e envenenadora". Jane Toppan é a heroína de 31 assassinatos, e não só pelo numero das suas façanhas, como pela cynica **inconsciencia** da sua crueldade, está destinada a obter na sombria historia dos grandes crimes, uma cellebridade analoga á terrivel princesa romana". - "Trinta e um envenenamentos, - As primeiras victimas de Jane Toppan foram os doentes do hospital de Cambridge, onde exercia a profissão de enfermeira". "Em phrases simples e clara, cujo horror excede tudo quanto a imaginação mais sombria possa conceber, ella mesma expoz friamente o seguinte: "Como os medicos, a unica paixão que me obcecava era a do "estudo scientifico". - "Ignoro, de resto, os nomes das minhas victimas, culo personalidade nenhum interesse tinha para mim, ser-me-ia, portanto, impossivel dizer, mesmo appoximadamente, quantos doentes do hospital de Cambridge conseguí envenenar". - Jane Toppan empregava dois venenos dos mais violentos: a morphina e a atropina". - "Estes toxicos, que tornam mais lentas as palpitações do coração, deixam poucos indícios susceptiveis de orientar a analyse dos medicos e dos chimicos. Assim, quando um dos chimicos do hospital de Cambridge concebeu as primeiras suspeitas, grave, não conseguiu adduzir contra ella prova alguma de culpabilidade, vendo-se forçado a não prosseguir na accusação". "No entanto, Jane Toppan foi despedi-

da do serviço do hospital. Mas conseguiu obter clientela entre as famílias mais ricas da cidade, como enfermeira". - "O último crime que ocasionou a sua prisão, foi o envenenamento de 11 pessoas, todas da mesma família". A primeira foi madame Aldin Davies, depois sua filha, madame Henry Gordon, e o capitão Davies. "Tem então lugar um inquerito. Um dos médicos mais notáveis da Universidade de Haward, o professor Wood, chegou á conclusão de que as mortes haviam sido naturais". "Animada pela certeza de impunidade, Jane Toppan prosseguiu na sinistra odisseia. Graças aos seus venenos Minici Gibbs, mrs. Israel Dunhem e seu marido, e sucessivamente todos os outros membros da família Davies sucumbiram. "A morte de mrs. Brigham, último representante da família, poz termo ás suas trágicas proezas". - Jane Toppan foi finalmente encarcerada na prisão de Bumstable, e removida em seguida para o asylo de alienados de Tanton". "Com uma inconsciência extraordinária, a envenenadora confessou com todos os pormenores as suas atrocidades, explicando demoradamente o prazer que sentia quando fechava os olhos ás suas victimas". - "A envenenadora, além da hysteria bizarra, foi realmente uma sinistra amorosa". Esquirol narra o caso de um homem de 32 annos de idade, de um temperamento nervoso, de um character bastante calmo, que um dia no Palacio da Justiça, agredio com violencia um advogado. No dia seguinte Esquirol, indo visital-o, encontrou-o completamente calmo, occupado em desenhar uma paysagem, não notando eu seu rosto nenhuma impressão de agitação nem de colera. Interrogato, declarou que não tinha nenhuma prevenção contra o advogado, que lhe era desconhecido e que não sabia comprehender nem explicar o que o tinha impellido a semelhante agressão. - - Georget - Discussão medico-legal sobre a loucura - cita o caso de uma mulher, viuva de um sapateiro, que sentia-se impellida a matar seus filhos, a quem, dizia ella, amava mais do que a si propria. - Durante seus ataques de loucura im-

*pulsiva sua face tornava-se congesta e vultosa e seu corpo todo era animado por um tremor consultivo - Esta mulher tinha todas as apparencias de saúde; dormia bem e suas funções catameiais eram regulares. Marc relata o caso de M. R. homem normal, chimico distinto, que sentio-se um dia impellido a commetter um crime, e, temendo não poder resitir á esta tendencia homicida, recolheu-se voluntariamente a uma casa de saude do fubourg Sant Antoine. Atormentado por esta idéa, cuja causa não podia explicar, prosta-va-se diante ao altar e implorava á Providencia que o livrasse desta horrivel impulsão. Quando sentia sua vontade enfraquecer e abandonal-o, ia procurar o diretor do asylo e pedia que atasse as pernas com um lenço, estra fragil cadêa era sufficiente para acalmal-o por um momento. Um dia, entretanto, quiz assassinar um dos seus guardas e acabou por succumbir a um acesso de mania aguda. Hammond cita os seguintes casos: 1o. Um moço, empregado no commercio, era constantemente obcecado por uma força inexplicavel que o impellio a matar um dos seus amigos, empregado com elle no commercio. Um dia seu secreto desejo tornou-se tão violento que levou-o a lançar strychnina num copo de cerveja e convidar seu jovem collega para bebel-a. Mas no momentoi em que este levava o copo aos labios, elle levantou a mão, como por descuido, e fez derramar a fatal bebida. Todas as manhãs despertava com esta idéa homicida que tomava tal vulto no seu espirito que se julgava condenado a executa-la antes do fim do dia. Esse jovem analysava perfeitamente suas impulsões e, relatando-as ao seu medico, declarou-lhe que, se se por desgraça tivesse de ceder ao rigor da Lei. 2o. Um moço de excellente familia, passando um dia por um dos maiores boulevards de New York, achou-se em presença de uma dama que vestia uma elegante robe de seda preta; immediatamente foi assaltada pelo desejo de atirar sulfurico sobre esse vestido. Entretanto, n'uma pharmacia, comprou um pequeno vidro desse liquido, depois accelerou o passa para alcançar a*

dama, e, caminhando ao seu lado derramou o conteúdo do vidro sobre o vestido sem que a dama o percebesse. Experimentou uma tal satisfação do mau acto que acaba de praticar, que resolveu re-nova-lo. Foi, pois, munir-se novamente de acido sulfurico, e, vindo uma dama que trajava uma toilette bella e muito elegante fez o mesmo que a primeira. Entrando em si e reflectindo no acto indig-no que acaba de praticar, sentio grande desolação e, lembrou-se de inserir nos jornaes uma carta dirigida ás duas damas, pedindo-lhes seu endereço afim de que podesse exprimir-lhes o seu pezar e reparar o danno que lhe tinha causado, mas no momento em que ia levar sua carta ao jornal, sentio a mesma impulsão e foi obrigado a praticar novos e identicos actos aos anteriores. Comprehen-dendo então as graves consequencias de tal conducta, foi consul-tar um medico que o aconselhou a abandonar a cidade e em-prehender uma viagem por mar, durante alguns mezes, em navio onde não houvesse mulher. Ao regressar de sua viagem, estava completamente restabelecido. “Um bello vestido, dizia elle produz em mim o effeito de um pano vermelho sobre um touro enfurecido. o touro serve-se dos cornos, eu emprego o acido sul-phurico, e não posso explicar como esta idéa me veio á cabeça, quando anteriormente vi toilettes elegantes sem conceber nem pensamento, nem o desejo de destruil-as com acido sulphurico.”.

3o. (Carta dirigida a Hammond) Lendo no Soleil de New York de 30 do corrente os trabalhos da Sociedade Medico-legal, fiquei vi-vamente impressionado com as vossas communicações sobre “a impulsão morbida”. Ha algumas semanas, quando estava a traba-lhar no meu jardim, minha filhinha de 3 annos de idade veio para junto de mim e immediatamente fui assaltado pela horrivel im-pulsão de matal-a com a enxada que tinha na mão. Para prevenir, porem, a effectuação de tal acto, ordenei á creança que deixasse immediatamente o jardim. Minha filha me é tão cara como a pu-pilla de meos olhos, e não posso explicar como essa idéa de infan-

*ticidio pôde germinar no meu espirito. Desde essa epocha sinto em mim alguma cousa extranha; não ousou mais me confiar á pessoa alguma, mesmo á minha familia e ainda que eu tenha perfeitamente consciencia do que faço, fico sempre sob a influencia dessas perigosas impulsões. Consultei um medico que rio-se de mim; se poderdes me indicar um remedio para essas extranhas tendencias e, se conseguir-des livrar-me d'ellas, eu vos bem-direi durante todo o resto de minha vida. Não me julgo actualmente capaz de commetter um crime mas só o pensamento de que posso vir a ser criminoso me honraria e receio que minhas tendencias homicidas se tornem irresistiveis, se não conseguir desembracar-me d'ellas promptamente". Marc cita ainda o caso de uma ama de leite que sentindo-se impellida a matar a creança que amamentava; vendo-a despida lançou-se aos pés da mãe pedindo que a reenviasse para sua terra e declarando-lhe que a brancura da pelle de seu filho a impellia a matar-o e que não podia mais resistir ás suas impulsões. Segundo Hammond, o estudo medico-legal da insanidade volicional é muito interessante. Um individuo que se sente tomado de impulsão de acommetter um crime, impulsão á qual teme não poder resistir, é obrigado a fazer tudo quanto poder para tornar impossivel a effectuação de seu crime. É de seu dever por-se immediatamente em sequestro: se não o fizer, pode ser assemelhado, no ponto de vista moral e legal, a um criminoso que se sente impellido a apoderar-se do bem de outrem e assassinar o primeiro individuo que encontra em seu caminho. O individuo no qual se reconhece claramente que cedeu a uma impulsão, não sentida antes, de acommetter um crime e que em consequencia commette um delicto, não motivado por outra causa, ou um delicto que não teria evidentemente praticado no estado normal, é muito perigoso para a Sociedade, não devendo ser deixado em liberdade, é preciso tel-o em sequestro permanente. Eu digo permanente, porque a experiencia demonstra que esta forma de aberração mental é extrema-*

mente sujeita ás reincidencias. Pode-se citar innumerous casos em apoio desse facto, de attentados comettidos contra pessôas por esses individuos depois de postos em liberdade. Diz o Dr. Brunet: "Segundo o codigo, o alienado é irresponsavel. A sciencia medica não julga de uma maneira tão absoluta; entre o perseguido irresponsavel e o homem não existem alienações menosclaras uma sorte de zona media que não é mais de que um prolongamento dazona da loucura. Os individuos que ficam n'uma semelhante catheforia são ou não responsaveis? Os alienados que têm intermittencia ou intervalos lucidos são responsaveis se o crime foi cometido nesse momento? "A Sociedade Médico-Psicologica de Pariz discutio em 1863 a questão da **responsabilidade attenuada**; os meio-loucos são meio-responsaveis? Admitte-se ordinariamente J. Fabret só aceita o principio da irresponsabilidade inteira, não pensa que se possa estabelecer uma phrenometria medico-legal. Entretanto elle admitte casos em que a responsabilidade existindo toda, não peza inteiramente sobre o criminoso e menciona: 1o. Os primeiros periodos das molestias mentaes, periodo de incubação e periodo prodromico; 2o. Os estados de intervallo lucido de intermittencia e de remissão; 3o. Os periodos de predisposição para a loucura; 4o. A demencia apopletica e a aphasia; 5o. A hysteria; 6o. a epilepsia; 7o. O alcoolismo; 8o. Os estados de imbecilidade ou de fraqueza de espirito nativa. Todos os medicos francezes acceitam responsabilidade quando o crime é commettido nos intervalos lucidos ou nas intermittencias da loucura. No caso de que nos occupamos existe a responsabilidade? É o que vamos responder. Antonia Maria da Conceição não é responsavel pelos delitos que praticou, porque o fez em estado de loucura volicional caracterizada pela incapacidade de exercer a vontade; abollida esta, não podia ella cohibir-se de praticar os actos a que foi impellida por uma força superior, á qual não podia resistir; sem instrucção de natureza alguma, não podiater nem a reflexão precisa para communi-

*car aos paes seus horriveis desejos, nem sabia comprehender o que era sequestro parasubmitter-se a elle, como quer Hammond, tornando por esse meio impossivel a effectuação de suas impulsões. Nesta nossa exposição não nos temos occupado de Rosa Maria da Conceição, porque a consideramos no gozo perfeito de suas faculdades mentaes, e só auxiliou a irmã no estrangulamento de 3 creanças obrigada pelo terror que esta lhe inspirava, e pelo medo que tinha de ser estrangulada, como os irmãos eprimos; o que se a fez tambem silenciar sobre o caso, pois ante as ameaças que Antonia lhe fazia, perdia completamente o poder de sua vontade. Devemos confessar que este nosso humilde trabalho ressen-te-se de grandes lacunas, pelo facto de não sermos especialistas em medicina legal; entretanto contem elle o resultado de uma observação conscienciosa e o de um estudo attento de tudo quanto podemos obter sobre tão delicado assumpto, mostrando que deve ser absolvida na irresponsabilidade de seus actos, com diz o Conselheiro Rodrigues da Silva, a infeliz a quem Deus fechara os olhos á luz da razão. - Maceió, 24 de setembro de 1902. Dr. Antonio Francisco de Gouvêa, Dr. Alfredo de Araujo Rego; Dr. Manoel Sampaio Marques; Dr. Luiz Barreto Correia de Menezes; Dr. Francisco Augusto da Silveira; Dr. Sylvio Moeda. Conforme.*

*M. Casado (assinatura)*

*Confere: Scipriano Jucá (assinatura)*

*(A gramática e o estilo aqui usados são os da época, mais precisamente, de 1902)*

Com este resultado em mãos, o secretário do Interior Joaquim Malta foi ao seu irmão, o governador. Encontrou-o preocupado com a situação das meninas presas, da especulação da imprensa (principalmente de **A Tribuna** e **O Gutenberg**), jornais que davam grande destaque ao caso,

pois chamavam-nas de assassinas, monstros de Carahybas, fraticidas. A repercussão era grande e isto atingia seu governo. Agora, com a decisão da junta médica acenando com insanidade das duas meninas, o governador Euclýdes Malta podia tomar uma posição.

E o parecer dos médicos vinha a calhar. *“Insanidade era irresponsabilidade. Irresponsabilidade não era crime. E não sendo crime, as meninas deveriam ser soltas. E dava-se como resolvido a questão”*. Assim pensava ele, homem do direito. Aliás, o próprio Código Penal Brasileiro, datado de 1890, dizia:

*“Art. 27 – Não são criminosos:*

*& 1º - Os menores de 9 anos completos;*

*& 2º - os maiores de 9 anos e menores de 14 que obrarem sem discernimento;*

*& 3º - Os que por imbecilidade nativa ou enfraquecimento senil forem absolutamente incapazes de imputação;*

*& 4º - Os que se acharem em estado de completa privação dos sentidos e de inteligência no ato de cometer o crime;*

*& 5º - Os que forem impelidos a cometer o crime por violência física irresistível ou ameaças acompanhadas de perigo atual;*

*& 6º - .....;*

*& 7º - .....*

*Art. 28 - ,,,,.*

*Art. 29º - Os indivíduos isentos de culpabilidade em resultado de afecção mental serão entregues a suas famílias ou recolhidos a hospitais de alienados, se o seu estado mental assim exigir para segurança do público.*

*Art. 30º - Os maiores de 9 anos e os menores de 14, que tiveram obrado com discernimento, serão recolhidos a estabelecimento disciplinares industriais, pelo tempo que ao juiz parecer, contando que o recolhimento não exceda à idade de 17 anos.”*

Com base nos estudos médicos e no Art. 29º, o governador Euclýdes Vieira Malta não teve dúvidas, considerando inimputáveis Antônia e Rosa. Eram, portanto, tidas como inimputáveis (incapazes de saber o certo e o errado), porque a responsabilidade criminal começava somente a partir dos catorze anos. E determinou que a justiça estadual, através da competente autoridade processante, instaurasse o processo. O juiz de direito da comarca de Traipú, em 22 de dezembro de 1902, as despronunciou. Devolvendo-as ao pai Felipe.

Com a soltura de Antônia e Rosa, a volta a Carahybas, e a conseqüente entrega a seu pai, acreditava o governador que tudo estaria resolvido. E assim foi.

# *A caminho do padre Cicero*



*Felipe Luiz dos Santos retratado quando morava em Juazeiro do Norte (foto de propriedade de André Luiz, seu tataraneto).*

A vida volta ao normal em Carahybas dos Nunes. Felipe, em seu quinhão herdado do sogro Manoel Nunes, constante de uma casa de taipa, de chão batido, um quarto, uma sala, uma cozinha com fogão a lenha, porta e janela na frente, porta nos fundos e no quintal uma casinha para as necessidades, sempre se reunia, principalmente à noite, com as filhas Antônia e Rosa. Reunir é o termo Eles simplesmente sentavam-se, calados, sempre calados, ao redor

da pequena mesa na sala. No centro, um candeeiro clareava majestoso.

Durante todo esse tempo, sem se comunicar com as filhas, Felipe matutava: *“quero sair daqui. Quero ir embora daqui. Vou seguir meu caminho. Tenho parentes em Juazeiro do Norte. Vou prá lá!*

Todos os dias ele pensava em ir embora. O jeito de olhar atravessado que muitos olhavam suas filhas não agradava a Felipe. Era como se fosse uma condenação diária. As mortes de Clara e dos filhos não lhe saíam da cabeça, martelavam o cucuruco.

Aos poucos, Felipe foi se preparando: olhava os arreios do carro de boi, olhava os cambitos, a canga (azeitava com banha de bode), tratava bem os dois bois. Devagariño, fez uma tolda e colocou no carro – era para aplacar o sol à pino dos dias de viagem. Decidiu-se: ia para Juazeiro do Norte.

Era o ano de 1906.

Uma madrugada, acordou as filhas e Domingos (filho mais novo), colocou dois sacos de farinha no estrado do carro de boi, uma foice, alguns trecos de roupa dos quatro, metade de um bode assado (dentro de um saco com farinha), um pouco de café torrado, um pote com água de beber e pronto. Antes, Felipe já tinha apalavrado e vendido seu lote de terra ao cunhado Antônio Nunes da Silva. Além do mais, Juazeiro do Norte já era conhecida dele, pois em 1901 já tinha feito viagem para receber as bênçãos do padre Cícero Romão Batista. A viagem, em sí, durou quase um mês.

De Carahybas foram para Inajá, depois Custódia, passando pelo Cruzeiro do Sul, Bom Nome, Jati e Brejo Santos; depois, seguiram caminho por Milagres, Missão Velha,

Missão Nova (hoje município de Missão Velha), Barbalha até chegarem a Juazeiro. Em Missão Velha, a mais ou menos três quilômetros da sede, Felipe e os três filhos descansaram ao lado de uma bela cachoeira, hoje conhecida como cachoeira de Missão Velha. Ali, eles encontraram água limpa para beber e se lavar (Ah, que descanso, dezenas de dias, dia e noite pelo mato a dentro, pouca água para as necessidades. Agora, sim, relaxaram).

Após o descanso na cachoeira de Missão Velha, o carro de bois foi dirigido para a região de Salamanca, a Barbalha de hoje. Mais uma parada, agora ao lado da Igreja de Santo Antônio do Toco, em Missão Nova, construída por João Mendes Lobato e Lira, em 1725, e onde se encontra seu corpo ali enterrado em 1793<sup>13</sup>. Rezaram aos pés da imagem do santo. Rezaram em silêncio: Felipe, Antônia, Rosa e Domingos.

Vale um parêntesis:

Em Juazeiro do Norte viviam alguns parentes de Felipe, ali chegados pela religiosidade: suas irmãs, Maria Angélica (era beata), e Maria Januária, além da prima Maria Rosa.

Finalmente, num sol escaldante de início de tarde, a caravana dos Nunes chega a Juazeiro, na mesma rua onde morava o padre Cícero (hoje rua São Pedro, que sai em linha reta desde a igreja de Nossa Senhora das Dores até no alto da cidade, onde esta se inicia). No encontro com as irmãs, notícias daqui e dali, Felipe conta a seus parentes a tragédia de Carahybas, as mortes de sua mulher, de seus filhos e das outras criancinhas.

13 Caminho seguido pelos Lira: de Portugal para a Capitania da Bahia (que incluía Sergipe), na localidade ribeirinha de Porto da Folha. Dalí, subiram até a região do Cariri, no pé da Serra do Araripe. Habitaram e povoaram toda a região, como Missão Velha, Miranda (Hoje Crato), Milagres, Salamanca (hoje Barbalha). Alguns Lira, motivados pela seca inclemente, desceram até a região de Alagoas (Província de Pernambuco), onde se instalaram às margens do Riacho Piauí, hoje localidade do município de Arapiraca. Os primeiros Lira dessa região alagoana eram formados por Antônio Joaquim de Lira e Tereza Rosa de Lira, descendentes dos Lobato e Lira e que povoaram a região do Mocambo, Mocambinho, Poço do Boi (hoje fazem parte do município de Feira Grande) e Junqueiro.

Já instalado de início na casa das irmãs, durante as horas de conversação, Felipe, demonstrando um homem falante, ao contrário do tempo das Alagoas, quer saber como é pessoalmente o padre Cícero Romão Batista.

- Não é pessoa difícil, diz Maria Angélica, a beata:

- Encontro o padre todos os dias. É afável, amigo e severo, porém é um homem bom. É um homem exigente. Prometo levá-lo ao padre.

Passaram-se vários dias. Felipe, com o pouco dinheiro amealhado nas Alagoas, arrenda um pedaço de terra no sítio Brejo Seco, que fica nos arredores de Juazeiro. E começa a trabalhar a terra, sempre com suas duas filhas. Domingos, o caçula, ficava de fora, tomando conta dos dois bois.

Um belo dia de sexta-feira, lá pelas dez horas, padre Cícero Romão Batista (\*) recebeu em sua casa a Felipe, levado que foi por suas irmãs e pela prima Maria Rosa. O padre estava a se balançar numa cadeira de vime. Como sempre, usava uma batina preta, surrada.

- Bom dia, meu filho! Você é irmão de Maria Angélica e de Maria Januária? Muito bem. Elas disseram que você quer muito falar comigo. Senta, meu filho!

Felipe senta-se numa cadeira feita de jaqueira, muito pesada, em frente ao padre Cícero.

-Ah, seu padre, tenho muita coisa a contar, pedir sua bênção e seu perdão. Prá mim e para minhas filhas, Antônia e Rosa. Sei que o senhor vai interceder junto ao Pai Santíssimo e Nossa Senhora das Dores por minha família.

Disse o padre:

-Vai, meu filho, conta sua história.

E Felipe desandou afalar:

-Depois que minha sogra morreu, e herdei umas terras no lugar chamado Carahybas, nas Alagoas, a vida cor-

ria mansa. Cheio de filhos, de dois meses a 14 anos. Minha mulher, a Clara, que sempre se mostrou ciumento, reclamava da vida, e da minha vida. Ela achava que ia morrer logo, mas padre, dizia que não queria morrer e deixar seus filhos neste mundo sozinhos, sem ela para cuidar.

-Um dia, de tanto contar esta história, Antônia, minha filha mais velha, ouviu, por trás da porta, o pedido da mãe - "Não quero morrer antes de meus filhos. Que eles morram primeiro, para não ficar neste mundo injusto".

-Antônia, padre, quis fazer os gostos da mãe. E passou a matar os irmãos, sempre apertando as goelas. Depois de um tempo, teve ajuda de Rosa, minha outra filha de 12 anos (Antônia ameaçou por diversas vezes Rosa, de matá-la caso não a ajudasse). Padre, vou dizer os nomes dos anjinhos mortos: Cecília, Manoel, Maria, Thomazia, Maria Angélica, Josepha, Antônia, Joana Maria, Rozendo, Isabel, José Joana, Joana, Antônia (filha de uma cunhada) e Pedro. Todos eram filhos de nossa família. Quando não eram meus, eram filhos de irmãs de Clara.

-Foi uma desgraça, padre Cícero. No início, diziam que tina sido um vento que passara pela região, matando todas as crianças. Pedidos a São Sebastião, muita reza foi feita. E nada, padre. A única coisa de certeza era que mais dia menos dia morria um anjinho.

-E o povo passou a desconfiar. Minha mulher Clara, sofrendo muito, foi ao Brejo dos Sulinos, na capela de Nossa Senhora da Conceição. se confessar e pedir perdão a Deus e a Nossa Senhora, acreditando que as mortes foram devido a seu pedido. Foi abençoada pelo padre e recebeu a comunhão.

-Depois, veio tudo. Eu, Clara, Antônia e Rosa fomos detidos em Traipu, onde Clara morreu dentro da cadeia.

Depois, fomos levados para Maceió, a mando do governador (ali, vários médicos estudaram minhas filhas) e disseram que elas eram inocentes.

-Olha, padre Cícero, depois de tanta aperreação, Antônio contou tudo: que tinha matado os irmãos e os primos para salva a mãe do fogo do inferno. Rosa disse o mesmo. Hoje, aqui estou com as duas e meu filho Domingos, nesta terra santa, pedindo perdão a Deus e a Nossa Senhora das Dores para aliviar a vida de minhas filhas.

-Padre Cícero, só o senhor pode interceder pela minha família. Quero sua bênção, padre.

Felipe estava extenuado, mas calmo. O suor escorria pela frente. Padre Cícero Romão Batista não moveu nada no corpo. Com os olhos fechados desde o início da história de Felipe, assim continuou por um bom tempo. Respirou fundo, abriu os olhos, fixou aquele homem sofredor, e disse:

-Meu filho, tudo pode em nome de Deus. Quero que você e suas duas filhas vão até a igreja de Nossa Senhora das Dores amanhã, bem cedinho. Você sabe rezar? Suas filhas sabem rezar?

-Sabem, padre. Minhas filhas sabem rezar porque foram ensinadas pela mãe. E minha mãe também me ensinou a rezar.

-Pois bem, amanhã, bem cedinho, lá pelas cinco horas, quero vocês na igreja. Assistam a missa e depois me procurem.

-Vá em paz, e Nosso Senhor o acompanha, meu filho.

Felipe beijou o dorso da mão direita do padre Cícero, fez o sinal da cruz, começando na testa até abaixo da boca, e saiu.

Cedinho, muito cedinho, ainda escuro, a família Nunes, inclusive o menino Domingos, estava entre dezenas de fiéis sentada nas longas cadeiras da igreja de Nossa Senhora das Dores. Alguns dos romeiros (como são chamados aqueles que visitavam Juazeiro do Norte para falar como padre Cícero Romão Batista), carregavam chapéus de palha; as mulheres, em grande maioria, tinham véus que iam até os ombros, e que cobriam as cabeças.

Padre Cícero Romão Batista, seguido por dois coroinhas, sobe os degraus do altar e, de costas para o povo mas de frente para o altar, começa a missa, que durou mais ou menos hora e meia.

Ao fim, após a bênção final, o padre retira as vestes litúrgicas da missa, e novamente com sua batina preta e rota, olha rapidamente para os fiéis que ficaram ao redor do altar, encontra as irmãs, a prima Maria Rosa, Felipe e seus três jovens, que identificou como os filhos daquele homem que havia lhe contado uma triste história, faz um gesto com a cabeça e dirige-se, novamente, ao altar.

-Venham vocês, coloque-se um ao lado do outro, disse o padre.

Todos os quatro ficaram lado a lado. Serenos. E ao redor deles, os curiosos. O padre falou:

*-In nómine Patris, et Filii, et Spíritus Sancti. Amen (Em nome do Pai, e do Filho, e Espírito Santo. Amém).*

Felipe e os filhos responderam:

-Abençoei-nos padre, porque pecamos

Padre Cícero estende as mãos sobre as cabeças de Felipe e seus filhos, e, após levar o dedão da mão direita às suas testas, fazendo o sinal da cruz em cada, exclama:

**-Dominus noster Jesus Christus te absolvat; et ego auctoritate ipsius te absolvo ab omni vinculo excommu-**

**nicationis (suspensionis) et interdicti no quantum possum et indiges tu. Deinde, vos absolvo ego uma peccatis tuis in nomine Patris, et Filii, et Spiritus Sancti. Amen.**

*(Que nosso Senhor Jesus Cristo te absolva; e por Sua autoridade eu te absolvo de todo vínculo de excomunhão (suspensão) e interdito, tanto quanto meu poder permitir e suas necessidades exigirem. [fazendo o sinal da cruz:] Então eu te absolvo de teus pecados em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo. Amém)*

Todos o ouvem contritos e, calados, abaixam suas cabeças. O padre Cícero Romão Batistas, por fim, diz:

-Vão em paz. O senhor vos acompanhe. Nossa Senhora das Dores vos guie. Não pequem mais.

E, mais uma vez, faz o sinal da cruz:

-Em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo. Amém.

Volta-se sobre sí próprio, dá as costas aos Nunes de Carahybas das Alagoas e sai do altar.

Passaram-se os dias e os meses.

Felipe continuava no sítio Brejo Seco, trabalhando na terra fértil que arrendara, onde plantava inhame, mandioca e batata doce. O produto era vendido em Juazeiro. Lá também estavam seus três filhos, sendo que Antônia e Rosa o ajudavam na roça. Domingos, por ser ainda pequeno, tomava conta dos dois bois de carro e de três cabritas que haviam adquiridas.

Nos fins de semana, Felipe sempre ia a Juazeiro, e, quando o padre Cícero tinha tempo e podia, mantia com ele “um pouco de prosa”. Fez parte, como católico fervoroso que passou a ser, da “Ordem da Terra Santa”<sup>14</sup>.

Em 2015, o Papa Francisco o perdoou e, em 2022, o Vaticano autoriza a abertura de um processo de beatificação do padre Cícero.

Unção dos óleos<sup>15</sup> - O óleo da unção, citado várias vezes na Bíblia, referia-se ao uso no Antigo Testamento para ser despejado sobre a cabeça do sumo sacerdote e seus descendentes e para aspergir e marcar o Tabernáculo e sua mobília como santos e separados para o Senhor (Êxodo 25.6; Levítico 8.30, Números 4.16). Três vezes é chamado de “santo óleo da unção” e os judeus eram estritamente proibidos de utilizá-lo para uso pessoal (Êxodo 30.32-33). A receita para o óleo da unção é encontrada em Êxodo 30.23-24 e continha mirra, canela e outros ingredientes naturais. Não há nenhuma indicação de que o óleo ou os ingredientes tinham qualquer poder sobrenatural. Pelo contrário, o rigor das diretrizes para a criação do óleo era um teste da obediência dos israelitas e uma demonstração da absoluta santidade de Deus. Apenas quatro passagens do Novo Tes-

---

14 Padre Cícero, nascido em Crato, em 1844, morreu em Juazeiro em 1934. Por muitos anos administrou a paróquia de Juazeiro. Foi suspenso das ordens sacerdotais por decisão do bispo de Fortaleza, Dom Joaquim José Vieira. Enquanto suspenso das ordens, foi político atuante em Juazeiro, como o primeiro prefeito, eleito em 1911. Foi deputado federal, em 1926, mas não assumiu o cargo. Era anticomunista ferrenho, dizendo, certa vez: “O comunismo foi fundado pelo Demônio. Lucifer é o seu nome e a disseminação de sua doutrina é a guerra do diabo contra Deus. Conheço o comunismo e sei que é diabólico. É a continuação da guerra dos anjos maus contra o Criador e seus filhos.” Em 2015, o Papa Francisco o perdoou e, em 2022, o Vaticano autoriza a abertura de um processo de beatificação do padre Cícero.

15 Unção dos óleos - O óleo da unção, citado várias vezes na Bíblia, referia-se ao uso no Antigo Testamento para ser despejado sobre a cabeça do sumo sacerdote e seus descendentes e para aspergir e marcar o Tabernáculo e sua mobília como santos e separados para o Senhor (Êxodo 25.6; Levítico 8.30, Números 4.16). Três vezes é chamado de “santo óleo da unção” e os judeus eram estritamente proibidos de utilizá-lo para uso pessoal (Êxodo 30.32-33). A receita para o óleo da unção é encontrada em Êxodo 30.23-24 e continha mirra, canela e outros ingredientes naturais. Não há nenhuma indicação de que o óleo ou os ingredientes tinham qualquer poder sobrenatural. Pelo contrário, o rigor das diretrizes para a criação do óleo era um teste da obediência dos israelitas e uma demonstração da absoluta santidade de Deus. Apenas quatro passagens do Novo Testamento se referem à prática da unção com óleo e nenhuma delas oferece uma explicação para a sua utilização. Podemos tirar as nossas conclusões do seu contexto. Em Marcos 6:13, os discípulos ungem e curam os doentes. Em Lucas 7:46, Maria unge os pés de Jesus como um ato de adoração. Em Tiago 5.14, os anciãos da igreja ungem os doentes com óleo para a cura. Em Hebreus 1.8-9, Deus diz a Cristo enquanto Ele retorna triunfalmente para o céu: “O teu trono, ó Deus, é para todo o sempre....” e Deus unge Jesus “com o óleo de alegria.”

tamento se referem à prática da unção com óleo e nenhuma delas oferece uma explicação para a sua utilização. Podemos tirar as nossas conclusões do seu contexto. Em Marcos 6:13, os discípulos ungem e curam os doentes. Em Lucas 7:46, Maria unge os pés de Jesus como um ato de adoração. Em Tiago 5.14, os anciãos da igreja ungem os doentes com óleo para a cura. Em Hebreus 1.8-9, Deus diz a Cristo enquanto Ele retorna triunfalmente para o céu: “O teu trono, ó Deus, é para todo o sempre....” e Deus unge Jesus “com o óleo de alegria.”

Uma das inúmeras ordens religiosas existentes em Juazeiro do Ceará, nos tempos de padre Cícero Romão Batista. As ordens religiosas são a forma mais comum de vida consagrada em várias religiões, como na católica<sup>16</sup>.

Passados dois anos, Felipe resolveu constituir outra família, casando-se com Maria Felizarda dos Santos, com quem teve inúmeros filhos, entre eles Manoel Felipe dos Santos Filho, Angélica dos Santos Soares, Pastora dos Santos Figueiredo, Espedita dos Santos Dias. Todos, depois de crescidos, passaram a viver em Juazeiro, com exceção de Angélica, que procurou o destino de São Paulo. Enquanto isto, os três filhos de Felipe com Clara (Domingos, Antônia e Rosa) casaram-se e constituíram famílias: Antônia casou-se com Joaquim José da Silveira, indo morar antes na Serra de Donana (perto de Juazeiro do Norte), e depois no Maranhão, onde morreu em 1946. Teve nove filhos; Rosa casou-se com João Batista da Silveira, que era irmão de Joaquim, tendo ido morar também na Serra da Donana, para, depois, ir para São Paulo. Teve 14 filhos, como João Batista, Antônio Batista e Maria Ramos.

---

<sup>16</sup> Uma das inúmeras ordens religiosas existentes em Juazeiro do Ceará, nos tempos de padre Cícero Romão Batista. As ordens religiosas são a forma mais comum de vida consagrada em várias religiões, como na católica.



*Rosa Maria da Conceição (foto de propriedade de André Luiz, tataraneto de Felipe José dos Santos).*

Domingos sempre morou nos arredores de Juazeiro, casando-se e deixando dois filhos, Rosa e Pedro, que foram morar na localidade de Gravatá.

Depois de ser pai de quase trinta filhos, das mães Clara e Maria Felizarda, Felipe José dos Santos passou a ser nome de escola do primeiro grau, perto do aeroporto do município. Felipe faleceu em 1943 (a Escola do 1º Grau Felipe José dos Santos foi inaugurada em 1978 e construída em terreno doado por Enoc Sebastião de Figueiredo, um de seus genros). Felipe José dos Santos morreu com 88 anos, assim deve ter nascido em 1855.

# Referências



**1.ABC das Alagoas**, Francisco Reinaldo Amorim de Barros, edições do senado federal, Brasília, 2005;

**2.Entre Sobrados e Mocambos: O Negro E A Sociedade Patriarcal No Agreste Alagoano**, Gilberto Barbosa Filho, Revista Eletrônica de Educação de Alagoas, REDUC, vol. 04, nº 01, janeiro, 218;

**3.Fratricídio em Carahybas**, Agatângelo Vasconcelos, EDI-CULT-SECULT, 1991, Maceió, 1ª edição, SERGASA

**4.Gutenberg**, jornal de Maceió, 1902;

**5.IBGE** (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), 1959;

**6. Mensagem ao Congresso Alagoano**, Euclides Vieira Malta (governador), 21 de abril de 1902;

**7.Missal cotidiano e vespéral**, Dom Gaspar Lefebvre (beneditino da Abadia de Santo André, SP), impresso em Bruges, Bélgica, 1952;

**8.Terra de Alagoas**, Adalberto Marroquim, 1ª edição, Magliani & Strini, Roma, 1922 (*livro original com dedicatória do governador de Alagoas, Fernandes Lima, ao presidente da República de Portugal, dr. Antônio José de Almeida*).



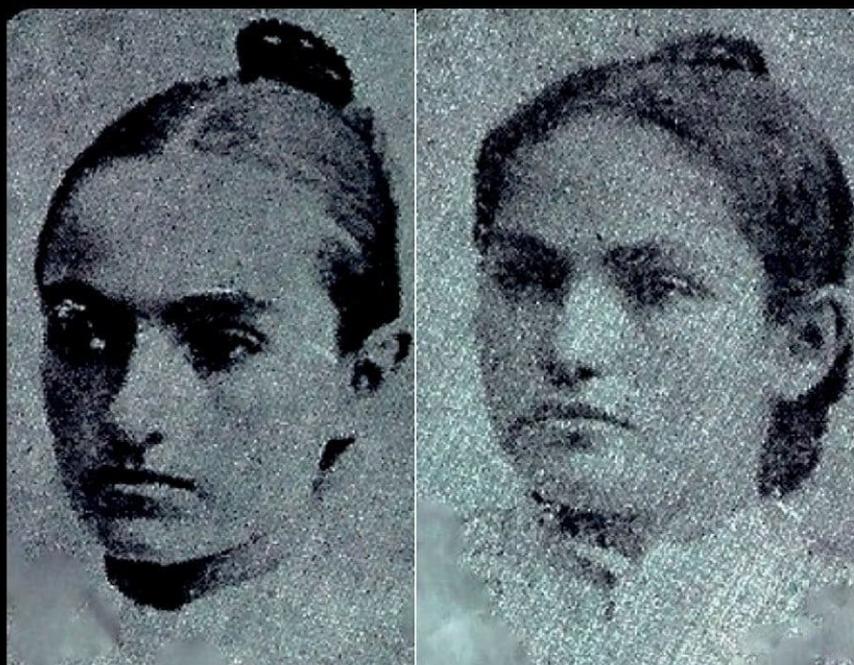
# Editora Performance

 [www.editoraperformance.com](http://www.editoraperformance.com)

 [editoraperformance@gmail.com](mailto:editoraperformance@gmail.com)

 [@editoraperformanceoficial](https://www.instagram.com/editoraperformanceoficial)

 (82) 99982-6896



 **Editora  
Performance**